

Boletim Cultural & Memorialístico de São Tiago e Região

Desde 2007 | Ano XVIII | Nº CCXII | Maio/2025

Acesse a versão digital em www.sicoob.com.br/web/sicoobcreddivertentes



O dia em que silenciaram Sustenido

"Sustenido era um Amigo da Rua. Um cão que por algumas vezes trocou a possibilidade de viver na casa de algum humano de bom coração, que o aceitaria com carinho, pela oportunidade de viver livremente, sem horários, rotinas, sem portas, portões, muros e cercas. Morreu envenenado durante a Semana Santa de 2025". Em novo artigo, o colaborador Fábio Caputo reflete sobre episódio que entristeceu São Tiago e trouxe à tona a necessidade de debates e ações urgentes.

Pág. 3

A PARÓQUIA DE SÃO TIAGO: 170 ANOS

"Ao longo da trajetória histórica, a povoação da Capela Curada de São Tiago pertenceu, por muitos anos, à Vila de São José, da Comarca do Rio das Mortes, e à Igreja Matriz — hoje Catedral Basílica de Nossa Senhora do Pilar, em São João del-Rei. Em 29 de agosto de 1825, por decreto imperial, a Capela de Nossa Senhora do Bom Sucesso foi elevada à categoria de Freguesia. Com isso, as capelas filiais de São Tiago e de Santo Antônio do Amparo foram desmembradas e passaram a integrar a nova Freguesia de Bom Sucesso".

Pág. 4

Em 2023, o boletim *Sabores & Saberes* foi chancelado como "projeto que estimula e fomenta o desenvolvimento de uma sociedade sustentável por meio da Educação, Formação e Cooperação". O reconhecimento, de importância nacional, veio do Instituto Sicoob.

Religioso, educador, revolucionário: a história de Padre Tiago

O ano era 1929. E mais especificamente no dia 4 de Fevereiro nasceu, em São Tiago, um bebê batizado sob o nome do padroeiro local. Mais tarde, ele seria ordenado padre — e para além da fé professaria sobre Arte e Educação. Assim, foi para Paróquias inteiras um religioso e missionário exemplar. Ao mesmo tempo, fez história nas Comunidades por onde passou como teatrólogo, musicista, escritor e educador, desenvolvendo um método próprio de Alfabetização.

Pág. 14

Quando Ghandi foi expulso de um trem

Em 1955, Rosa Parks acendeu a chama da luta pelos Direitos Civis Afroamericanos em Montgomery, Alabama. Como? Se recusando a sair do assento em que estava, num ônibus, e deixá-lo disponível para um homem branco. Parks acabou presa e o resto é história. Quase cinco décadas antes, outro caso de segregação levou a mais rupturas importantes — mas bem longe dali. Na África do Sul, um jovem advogado foi retirado à força de um vagão de trem — ele havia comprado uma passagem para estar lá, mas a cor de sua pele tornou sua presença "ilegal".

Pág. 17



PREÂMBULO

FASCÍNIOS DO MUNDO

O mundo nos confunde, nos tenta intermitentemente. Exibe-nos o faustoso, estimula-nos o fabuloso. Eis a publicidade tentadora, que nos ilude, excitando-nos a sensibilidade, nossa vaidade, nosso orgulho. Exclui ela, obviamente, de seu cardápio a tribulação, o cansaço, a dor, o sacrifício, apresentando-nos, em suas ilusórias bandejas, prazeres, honrarias, ouro, volúpias.

Não há, todavia, como fugir-se ao sofrimento, que é elemento indissociável da trajetória e da ascese humana. Todos defrontamo-nos com aflições, isolamentos, provações sem fim. Segundo exegetas, a dor é como um cinzel que, a força de golpes perscrutadores, revela a valiosa joia incrustada na pedra bruta, que somos todos nós. Ou uma moeda discriminada com que se adquire a felicidade maior; já quem, por sua vez, opera tão somente o prazer, o descompromisso, aquilo que é temporal, terá à sua disposição moedas falsas, as mãos vazias na hora do juízo. Verá que os ídolos por ele cultuados, dentre os tantos bens materiais, são de barro e racham ao menor contato com a água e o vento.

A realização que o mundo nos oferta é fantasiosa, volátil. O tentador, na realidade, finge nos dar; ele, contudo, nos rouba. Somos testados, perturbados, diuturnamente, de todas as formas. Faz parte do inexorável processo evolutivo-espiritual. Devemos, em contraposição, ser pessoas de fé, de virtude, crer e usufruir da abundância das riquezas e tesouros da Criação, que nos são cedidos gratuitamente, a mancheias.

O avanço da tecnologia e seu mau uso, o processo de industrialização massificada, a urbanização incontrolável dos últimos tempos parecem ter exercido uma insidiosa ação e influência sobre as tendências humanas, estimulando paixões, ilusões desordenadas, consolidando-se a ideia de que o progresso, a técnica levariam a humanidade à felicidade, à superação do sofrimento, a uma era de paz e segurança. Ingenuidade.

A fruição de prazeres, em considerável maioria ilícitos, a excitação dos gostos, o dia a dia de velocidades e cores embriagadoras, tornaram-se um ícone de comportamento. As pessoas passaram a buscar o novo, o frutívo, o anestésico, o sinestésico, afastando-se das coisas espirituais e éticas. Tentadores padrões de vida que levam, contudo, à frustração, a tumultos emocionais, a perturbações vivenciais, a desilusões, revoltas e desencontros sem fim.

O que se pede, se espera é que eliminemos a negligência e dotemo-nos de prudência, reflexão, maturidade, sublimação. O pacto com nossa consciência, com o imortal e não com o externo, o efêmero, o vulgar.

Expediente

O boletim é iniciativa independente, popular, voluntária. Assim, precisa do apoio de São Tiago e região; de pessoas comprometidas com o desenvolvimento e a preservação da memória coletiva. Contribua conosco! Somando esforços, multiplicamos Cultura e Tradição.

Adivinhas/Charadas

- 1- O que é, o que é que nasce, corre e nunca para?
- 2- O que é, o que é que vai e vem com as tripas de fora?
- 3- O que é, o que é que cru não existe e cozido não se come?
- 4- O que é, o que é que tudo devora, mas a água mata?

Respostas: 1) A água do rio; 2) A agulha; 3) A cida; 4) O fogo



Provérbios e Adágios

- Quem sai aos seus não degenera.
- Quem semeia ventos, colhe tempestades.
- Quem parte e reparte e não fica com a melhor parte, ou é tolo ou não sabe da arte
- Quem feio ama, bonito lhe parece.
- O que não mata engorda.

Para refletir

• As histórias são inventadas, mesmo as reais quando são contadas. Entre o acontecimento e a narração do fato há um espaço em profundidade e é ali que explode a invenção.

(Conceição Evaristo – "Becos da memória")

• Liberdade é pouco. O que eu desejo ainda não tem nome.

(Clarice Lispector)

• Toma para ti o conselho que dás aos outros.

• Os pequenos atos de cada dia fazem ou desfazem o caráter.

QUESTÃO DE PRODUTIVIDADE

Cristais Hering, fundada por Ruth Hering e Karl Strauss (1952), em Blumenau (SC).

Em 1955, o presidente JK fechou o mercado nacional para importação de produtos diversos, incluindo o cristal, permitindo grande impulso na produção/lapidação de cristais.

Em 1990 com a liberação de importação de peças e produtos de cristal pelo governo Collor, as indústrias Hering vieram à falência (2008), não podendo competir com qualidade a automação dos similares europeus.

O grande fator de desnível concorrencial estava na produtividade. Enquanto um trabalhador brasileiro produzia em média mil peças por dia, um operador tcheco ou alemão produzia em torno de 3.700 peças/dia.

As estatísticas comprovam que um trabalhador brasileiro detém uma produtividade aproximada de 25% em relação a um trabalhador americano ou europeu. Num mundo de mercado livre, globalizado, como concorrer?



credientes@sicoobcredientes.com.br

Comissão: Adriana Martins, Elisa Coelho, Fabiana Diéle

Coordenação: Ana Clara de Paula

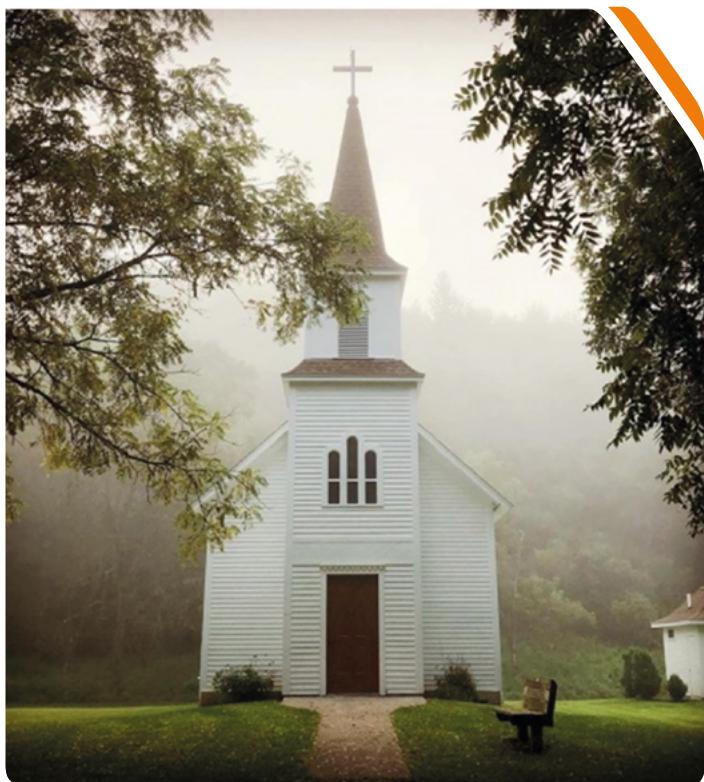
Redação: João Pinto de Oliveira

Colaboração: IHG – São Tiago

Apoio: Maria Luiza Santiago de Paula

Revisão: Fábio Caputo e Sandra Caputo

Jornalista Responsável: Marcus Santiago (MTB 19.262/MG)



MAL ENTENDIDO

Uma família inglesa, visitando num final de semana uma região pitoresca da França, notou que havia uma casa para alugar. Como todos gostaram da casa, combinaram com o proprietário alugá-la para passarem as próximas férias. De volta à Inglaterra, iniciaram os planos e preparativos para a viagem.

Enquanto discutiam a localização dos cômodos, o filho mais novo perguntou onde se situava o banheiro (abreviado como WC em inglês). Como nenhum membro da família soube responder, a mãe enviou uma mensagem por correio eletrônico ao proprietário, solicitando informações:

"Caro Senhor, em nome da família que aí esteve semana passada e visitou sua casa, solicito informar qual a exata localização do WC."

O proprietário, pensando significar WC uma abreviatura para a capela da seita Inglesa White Chapel, assim respondeu:

"Prezada Senhora,

Recebi sua mensagem e tenho o prazer de informar que se encontra a dez quilômetros da casa o local a que a senhora se refere. Isso é bastante cômodo, principalmente se a família tem o hábito de frequentá-lo periodicamente. Quando para lá se dirigirem, é importante levar comida para permanecer o dia todo.

Alguns costumam ir andando, outros de bicicleta ou moto. Há lugar para quatrocentas pessoas sentadas e mais cinquenta em pé. Existe ar condicionado, que sempre funciona. Os assentos são de veludo (é bom chegar cedo, a fim de conseguir um lugar para sentar). As crianças ficam ao lado dos pais e todos cantam hinos de agradecimento ao momento tão glorioso.

À entrada, é fornecida uma folha de papel para cada um, mas quem por acaso chegar atrasado poderá usar a folha do vizinho. A folha deve ser devolvida na saída, pois será utilizada durante todo o mês. Tudo que for recolhido será entregue às crianças e pessoas pobres da região. Existem fotógrafos que tiram flagrantes para os jornais da cidade.

Boas Férias".

Fontes

Texto: novomilenio.inf.br

Coletado por Fabio Antônio Caputo



Sustenido na procissão

SUSTENIDO

Sustenido era um Amigo da Rua. Um cão que por algumas vezes trocou a possibilidade de viver na casa de algum humano de bom coração, que o aceitaria com carinho, pela oportunidade de viver livremente, sem horários, rotinas, sem portas, portões, muros e cercas. Morreu envenenado durante a Semana Santa de 2025.

É possível separar as pessoas em um resumo de três grupos com base em seu relacionamento com os cães: os que gostam desse bicho companheiro dos homens desde os primórdios, os que não se importam e aqueles que absolutamente não gostam. Entre estes últimos é possível ainda outra subdivisão: os que se incomodam e reclamam, os que os evitam, os que expulsam e aqueles capazes de usar violência e crueldade contra eles. É certo que estes últimos serão poucos para se contar, mas suas atitudes tem potencial para ofender e sensibilizar uma grande maioria.

É intrincado se aprofundar nas razões que levam um ser humano a criar coragem e levar a cabo rotinas de maltrato endereçadas a animais, mesmo quando inconvenientes! Que seja por vingança pessoal ensejada por algum fato, por uma decisão unilateral de limpeza sanitária da cidade ou mesmo por uma perturbação psicológica, um limite é ultrapassado.

Abandono, chutes, pauladas, atropelamentos e o malfadado veneno chumbinho são as armas dessa minoria. Ninguém é ingênuo a ponto de não reconhecer os problemas que a superpopulação de cães de rua pode proporcionar, além da própria ocupação do espaço público e principalmente quando bandos destes promovem perseguição a motos, bicicletas e carros. O caminho e a solução para esse problema provavelmente não será fácil e com certeza não será esse.

Esse tipo de atitude é crime e como tal deve ser tratada, com consequências no âmbito da justiça, processo e condenação. De imediato existe o posicionamento das autoridades públicas mais próximas dos cidadãos, a Prefeitura e a Câmara, que também desaprovam essas atitudes em suas redes de comunicação social, endossando o repúdio e a indignação majoritária.

Para inicio de conversa é necessário responsabilidade daqueles que possuem cães sob a sua guarda, oferecendo bons tratos, vacinas e vermífugos e castração, em campanhas públicas e gratuitas ou mesmo as pagas caso haja condição financeira suficiente. A Prefeitura Municipal e a ONG devem trabalhar para tornar mais assíduas as campanhas de castração para reduzir a população dos cães de rua, pois essa é uma batalha de somar e subtrair incessantemente.

Sustenido era um doce de cachorro, companheiro de procissões e Banda de Música. Alguns já ficaram com os olhos úmidos, acreditam, e outros também o farão. Esse Amigo da Rua fez por merecer esse reconhecimento entristecido.

Fabio Antônio Caputo

170 ANOS DE FUNDAÇÃO DA PARÓQUIA DE SÃO TIAGO (1855-2025)

Ao longo da trajetória histórica, a povoação da Capela Curada de São Tiago pertenceu, por muitos anos, à Vila de São José, da Comarca do Rio das Mortes, e à Igreja Matriz — hoje Catedral Basílica de Nossa Senhora do Pilar, em São João del-Rei.

Em 29 de agosto de 1825, por decreto imperial, a Capela de Nossa Senhora do Bom Sucesso foi elevada à categoria de Freguesia. Com isso, as capelas filiais de São Tiago e de Santo Antônio do Amparo foram desmembradas e passaram a integrar a nova Freguesia de Bom Sucesso. Os antigos registros religiosos de São Tiago encontram-se nos livros da Paróquia de Nossa Senhora do Bom Sucesso, sempre com a anotação à margem "S. Thiago". Já os atos realizados na sede da freguesia estão identificados com a designação "Matriz".

Em 20 de outubro de 1849, a Capela de São Tiago foi desmembrada da de Bom Sucesso e incorporada à Freguesia da Lage (Resende Costa). O livro da Lei Mineira do ano de 1849, Tomo XV, parte 1, folha nº 05 confirma: "Lei Nº. 452, de 20 de Outubro de 1849. (...) José Idelfonso de Sousa Ramos Presidente da Província de Minas Gerais: Faço saber a todos os seus Habitantes que a Assembléa Legislativa Provincial Decretou, e eu Sancionei a Lei seguinte: Art. 1º. Fica restaurada a Villa de S. José d'Rei da Comarca do Rio das Mortes, para onde serão desde já transferidos o Arquivo Municipal, e Cartório, fazendo parte deste Município a Parochia de S. José, as de Prados, Lagoa Dourada, e Lages, sendo a esta encorporado o Distrito de S. Thiago, da Parochia do Bom Successo, que continua a pertencer ao Termo de S. João d'Rei (...)" Nesse período, os sacramentos celebrados em São Tiago eram registrados nos livros da Freguesia da Lage – Nossa Senhora da Penha de França.

Desde 1853, moradores do distrito de São Tiago buscavam, por meio de apelos ao Bis-

pado de Mariana e ao governador da Província, a elevação do curato à categoria de Freguesia.

Durante os períodos colonial e imperial, a Igreja Católica no Brasil estava subordinada ao regime do Padroado, que conferia à Coroa portuguesa — e, posteriormente, ao Império do Brasil — autoridade sobre os assuntos eclesiásticos, com a anuência do Papa. Isso significava que a criação de dioceses e freguesias (como eram chamadas as paróquias na época), a nomeação de bispos e padres, a construção de igrejas e a organização da vida religiosa estavam, em grande parte, sob o controle do Estado.

A criação de uma freguesia (ou paróquia) só era possível mediante autorização régia. O vigário da nova paróquia era nomeado pelo imperador — ou pelo rei, no período colonial — em consonância com o bispo da diocese, a Assembleia Legislativa e os ministros. Somente após essa nomeação, o escolhido era confirmado pelos bispos.

O processo de criação de uma paróquia no Brasil exigia, inicialmente, um pedido formal da comunidade local, geralmente feito por seus líderes civis ou religiosos. Na petição, deveriam constar os motivos que justificavam a solicitação, como o crescimento populacional, a distância em relação a outras igrejas e a necessidade de assistência religiosa regular. O bispo da diocese avaliava a viabilidade pastoral e territorial da proposta. Era necessário garantir algumas condições mínimas, como a existência de uma capela, um número suficiente de fiéis e a possibilidade de sustento para o padre.

Como o Estado detinha autoridade sobre os assuntos eclesiásticos, a criação da freguesia dependia da emissão de um decreto, provisão ou a publicação de uma lei específica. Somente após esse ato, o governo designava oficialmente a nova paróquia, que passava a ser reconhecida como Freguesia. Em seguida, um sacerdote era indicado como vigário ou capelão e sua nomea-



ção era então confirmada pela autoridade eclesiástica, ou seja, pelo bispo da diocese.

As freguesias funcionavam como núcleos organizadores das vilas e cidades, exercendo papel fundamental tanto no aspecto espiritual quanto administrativo.

Os livros de registros — batismos, casamentos e óbitos/sepultamentos — tinham valor civil e eram controlados pela Igreja por delegação do Estado. O padre exercia, ao mesmo tempo, a função de líder espiritual, assumindo também responsabilidades como a manutenção da ordem moral e o apoio à educação da comunidade.

Por meio das Visitas Pastorais realizadas em São Tiago nos anos de 1851 e 1854 — quando o Curato ainda pertencia à Freguesia da Lage — os moradores solicitaram ao bispo Dom Antônio Ferreira Viçoso, a elevação do arraial de São Tiago à categoria de Freguesia. Conforme exigido pelo sistema, Dom Viçoso encaminhou a petição às autoridades civis.

Esse fato é confirmado, pelo Pe. Diovany Roquim, em suas pesquisas ao observar que *“o primeiro pároco assina antes como vigário encomendado, o que prova que a paróquia, primeiro, foi encomendada pela Igreja para ser reconhecida depois pelo poder civil”*.

Assim, a petição referente à criação da Freguesia de São Tiago foi votada e aprovada, culminando na promulgação da Lei Mineira nº 727, de 16 de maio de 1855, que elevou oficialmente o Curato de São Tiago à categoria de Freguesia.

“Lei que eleva a Freguesia o Distrito de S. Thiago no Município de S. José

Lei Nº.727 de 16 de maio de 1855 – FRANCISCO DIOGO PEREIRA DE VASCONCELLOS, Presidente da Província de Minas Geraes. Faço: saber a todos os seus habitantes, que a Assembléa Legislativa Provincial decretou e eu sancionei a Lei seguinte:

Art. 1º – Fica elevado à Freguezia o Distrito de S. Thiago no Município de S. José, tendo por limites os mesmos do Distrito.

Art. 2º – Ficão revogadas as disposições em contrário.

Mando por tanto a todas Autoridades a quem o conhecimento, e execução da referida Lei pertencer que a cumprão, e fação cumprir tão inteiramente como n'ella se contém. O Secretário desta Província a faça imprimir, publicar, e correr.

Dada no Palácio da Presidência da Província de Minas Geraes aos dezesseis dias deste mês de Maio do ano de Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil oito centos e cincocentra e cinco, trigesimo quarto da Independência e do Império.

(L.S) Francisco Diogo Pereira de Vasconcellos

Antônio Cesário Brandão de Lima, a fez.

(Coleção de Leis da Assembleia Legislativa da Província de Minas Gerais de 1855. Ouro Preto, p.45.)

A instalação da Freguesia de São Tiago ocorreu quase um mês após a publicação da lei, em 16 de junho de 1855, em razão das formalidades civis e eclesiásticas exigidas. Era necessário que a Diocese tomasse conhecimento da promulgação da lei e definisse os limites paroquiais — segundo os registros, a Freguesia media cinco léguas antigas de norte a sul e de leste a oeste, totalizando aproximadamente 30 quilômetros quadrados. Além da definição territorial, era preciso organizar o patrimônio da instituição, preparar os livros e lavrar os termos de abertura para os assentamentos de batismos, casamentos e óbitos, uma vez que esses registros possuíam valor civil, pois o Estado delegava essa função à Igreja. Também era necessário expedir a provisão de nomeação para a posse do vigário indicado.

No caso de São Tiago, o Pe. José Mendes dos Santos, que já atendia à localidade como capelão, foi nomeado como vigário titular, tornando-se o primeiro pároco da nova Freguesia.

A instalação canônica deveria ocorrer durante a celebração da missa junto à comunidade, ocasião em que também se daria a posse do vigário, além do cumprimento de outras exigências conforme as normas do Bispado.

Na nova Freguesia, os casamentos podiam ser realizados na data escolhida pelos próprios nubentes. Havia missa diariamente, e os batizados eram celebrados logo após o nascimento das crianças. Os sepultamentos também passaram a contar com a assistência do vigário, o que representava um avanço em relação a períodos anteriores, quando esse acompanhamento nem sempre ocorria.

Atendendo ao pedido das autoridades da época, em 1856, Pe. José Mendes registrou no *“Livro do Vigário”* os nomes e alguns dados de pessoas que possuíam propriedades no antigo rincão (largo) e no entorno da Freguesia. Esse livro encontra-se no Arquivo Público Mineiro. As anotações feitas por ele tinham como objetivo a regularização dessas propriedades, organizando o território da nova Freguesia.

Em um mapa descritivo elaborado pelo próprio vigário, Pe. José Mendes dos Santos, constam informações sobre a população livre e escrava residente na Freguesia de São Tiago da Vila de São José, além de dados sobre nascimentos e óbitos ocorridos no ano de 1856. O mesmo documento também menciona atividades econômicas praticadas na região, como a criação de gado e o cultivo de milho, cana-de-açúcar, algodão e fumo.

O desenvolvimento da Freguesia de São Tiago, segundo o *Almanak Administrativo, Civil e Industrial da Província de Minas Gerais*, pode ser observado em diversos aspectos. Em primeiro lugar, a variedade de atividades econômicas — que incluía a pecuária e uma agricultura diversificada — demonstra a existência de uma economia robusta e multifacetada. Essa base econômica foi fundamental para a sustentabilidade e o crescimento da comunidade, ainda que de forma lenta e com as limitações próprias da época.

Muitos anos depois, considerando a devoção dos primeiros povoadores, a antiga capela do Arraial tinha como padroeiros o *“Senhor São Thiago Maior e Senhora Sant'Anna”*. Com a criação da paróquia, o nome foi simplificado para Freguesia de São Tiago. Com o passar do tempo, essa denominação consolidou-se como Paróquia de São Tiago.

Posteriormente, resgatou-se o nome original, com o objetivo de restabelecer a referência aos dois padroeiros, o que foi oficializado em 2005 por meio de um decreto da Diocese de Oliveira, que restaurou a designação primitiva. Desde então, a paróquia passou a ser denominada, formal e oficialmente, como Paróquia São Tiago Maior e Sant'Ana.

Exerceram e exerce o ministério sacerdotal na paróquia como párocos: Pe. José Mendes dos Santos (1855-1868), Pe. Júlio José Ferreira (1868-1901), Pe. José Duque de Siqueira (1903-1955), Monsenhor Francisco Eloi de Oliveira (1955-1996), Pe. Lúcio Carlos Vieira (1996-1998), Pe. Alexandre Pereira da Silva (1998-1999), Pe. José Ananias da Costa (1999-2001), Pe. José Geraldo Lopes da Silva (2001-2002), Pe. Lúcio Carlos Vieira (2002-2005), Pe. Alexandre Pereira da Silva (2005-2008), Pe. Robson Rosa Cardoso (2008-2016), Pe. Sebastião Corrêa Neto (2016-2025), Pe. Aparecido Paulo da Silva (2025 – atual).

A Paróquia São Tiago Maior e Sant'Ana cumpre sua missão religiosa de evangelizar, cuidar das almas desta porção do povo de Deus e zelar pelo patrimônio religioso da comunidade são-tiaguense, com o apoio dos leigos. Os padres que a administram têm como missão principal, enquanto consagrados, pastorear, evangelizar, celebrar a Eucaristia, ouvir confissões, aconselhar, exortar, abençoar, ministrar os sacramentos, entre outras funções.

Hoje, ao completar 170 anos desde sua fundação, seus paroquianos manifestam sua gratidão a todos os sacerdotes que por aqui passaram, bem como aos leigos e voluntários de ontem e de hoje, que cuidaram, cuidam e dinamizam as ações pastorais da paróquia.

Marcus Santiago
IHGST/ALSJDR

OCTÁVIO LEAL PACHECO

CINQUENTENÁRIO DE FALECIMENTO

Por: Elizabeth Márcia dos Santos

Neste mês de maio, precisamente no dia 23, completam-se 50 anos do falecimento de Octávio Leal Pacheco, e para relembrar fatos de sua vida e torná-lo conhecido às novas gerações, conversamos com alguns São-tiaguenses que com ele conviveram. Além disso, utilizamos dados biográficos extraídos do texto "Um lampião dentro da mala"¹ em que o autor, Ailton Alexandre Assis analisa o arquivo pessoal de Pacheco para traçar sua trajetória pessoal, política, e analisar o comportamento de Leal Pacheco sobre alguns aspectos, especialmente a constituição do seu arquivo como projeto de construção de sua própria memória e ainda, matérias passadas do próprio boletim *Sabores e Saberes*².

Leal Pacheco participou de três eleições para prefeito da cidade de São Tiago, perdeu uma, ganhou duas, foi o segundo prefeito de São Tiago, cargo que ocupou de 18/04/1953 a jan/1955, e 01/2/1959 à jan/1963, portanto, a lembrança que ocupa na memória da maioria das pessoas é do homem público e político, mas foi também rábula, prestou assistência como uma espécie de homeopata, aspirante a poeta, gostava de arte e de escrever.

BIOGRAFIA: Nascido em Barra do Piraí, Rio de Janeiro no dia 31 de dezembro de 1891, Octávio Leal Pacheco era filho de Antonio Cândido Leal Pacheco, funcionário público federal, e Eugenia Carolina Pacheco. Seus pais eram de tradicionais famílias fluminenses, com ramificações no Estado de Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro. Foi batizado na Igreja da Glória do Rio de Janeiro, tendo como padrinhos, o Dr. João Conrado Niemeyer e sua esposa Clara Gonçalves de Moraes.

Aos nove anos, mudou-se com a família para Mogi das Cruzes, São Paulo, onde também realizou seus estudos: o curso primário e o "complementar". Aos 19 anos, após o falecimento do pai, transferiu-se para a capital federal, Rio de Janeiro, onde foi escrivário do Ministério da Agricultura durante o governo do Marechal Hermes.

Casou-se duas vezes, em primeiras núpcias com sua prima, Odete do Espírito Santo Pacheco, com quem teve oito filhos, Edite, a mais velha; Maria, Zezé; Laurici; Antonico; Chiquito; Tereza e Aparecida, a caçula³. Em 1965, casou-se em segun-



das núpcias com Ilza Rosa Pacheco, união sem filhos.

Em 15 de abril de 1912 foi admitido como condutor de trem extranumerário da Estrada de Ferro Central do Brasil, permanecendo na empresa até 1918. Ainda em 1914, obteve, juntamente com seus sócios, a concessão para exploração do serviço de bondes em Mogi das Cruzes. Em 1919, obteve a concessão para os mesmos serviços em diversos municípios do Estado de São Paulo, como Salesópolis e Santa Isabel. A concessão em Mogi das Cruzes foi cancelada em 1920. Nesse mesmo ano, chegou a Bom Sucesso, Minas Gerais, como agente especial do recenseamento, estabelecendo-se na região de Bom Sucesso e do então distrito de São Tiago.

Em 1922, publicou livro sobre os trabalhos de recenseamento, impresso pela Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais. Ainda nos primeiros anos da década de 1920, foi nomeado promotor de justiça interino da Comarca de Bom Sucesso entre 1922-1923.

Por intermédio do Dr. Afonso Pena Júnior, Ministro da Justiça, conseguiu que fossem concluídas inteiramente por conta do Estado, a obras do Grupo Escolar "Protássio Guimarães" de Bom Sucesso e, mais tarde, com o Dr. Carlos Coimbra da Luz, Secretário da Viação do Governo Mineiro, os trilhos necessários aos prolongamentos da sua linha de bondes, da Igreja Matriz ao Alto São José.

Já em São Tiago, onde se instalou definitivamente em 1924 Octavio Leal Pacheco defendeu e obteve a conclusão e pagamento das obras deste nosso Grupo Escolar e, para a sua inauguração e instalação, o que se verificou a 10 de fevereiro de 1927, conseguiu do Dr. Francisco Luiz da Silva Campos, então Secretário da Educação, que fosse o respectivo mobiliário fornecido a tempo, pois as solenidades haviam sido programadas em fins de dezembro de 1926, isto é, apenas dois meses antes daquela realização.

Ainda em São Tiago, Leal Pacheco e sócios criaram a Empresa de Força e Luz Santiaguense, uma concessão para exploração dos serviços de energia no município, que, inaugurados em 12 de agosto de 1925, durou até 1952.

DEPOIMENTOS: Sr. Raul Mata relembra a criação da usina:

¹ ASSIS, Ailton Alexandre . *Um lampião dentro da mala: o arquivo pessoal de Octávio Leal Pacheco - memória e autobiografia*. Disponível in https://ufsj.edu.br/portal-repositorio/File/mestrelas/DISSERTACOES/um_lampiao_dentro_da_mala.pdf

² SABORES E SABERES. Boletim Cultural e Memorialístico de São Tiago e Região.

Ano VIII. N° XII. Maio de 2015

³ ANDRADE, Darci Maria. Entrevista concedida em 14/01/2024 a Elizabeth Marcia dos Santos. Darci trabalhou na casa do Sr. Pacheco e da Sra. Ilza quando criança. Ilza era madrinha de Darci e assim ela passou a chamar Pacheco de padrinho por ser esposo de Ilza. A entrevistada viveu 9 anos morando com o casal por quem tinha grande afeto.

meu avô e tios participaram ativamente. Job Altivo da Mata, Augusto da Mata e Durval da Mata. Eles participaram da construção dessa usina de 50 hp, 50 cavalos a vapor. A princípio era uma luz excelente, a cidade cresceu e a luz ficou péssima, virou uma brasa dentro da lâmpada, aí acabou, veio a CEMIG⁴.

Na década de 1920, teve início seu envolvimento na política local. Em 1927 foi nomeado inspetor escolar no distrito de São Tiago. Em 1930, criou, com outros associados, o Comitê de Propaganda e Melhoramentos de São Tiago, organização civil que teria longa duração e da qual foi presidente e secretário-geral por vários mandatos. Já em 1926 foi eleito vereador à Câmara de Bom Sucesso pelo Distrito de São Tiago, permanecendo no cargo até 1930, ano em que também organizou as "Paradas do Trabalho", mutirões para reformar ruas e estradas da pequena localidade. Desde então pertenceu e chegou a se tornar membro de diretórios locais e regionais de partidos políticos, a exemplo do PRM (Partido Republicano Mineiro), PP (Partido Progressista), PSD (Partido Social Democrático), UDN (União Democrática Nacional), PSP (Partido Social Progressista, pelo qual se lançou candidato a deputado estadual em 1962), e ARENA (Aliança Renovadora Nacional). Em 1938, de volta ao Rio de Janeiro, tornou-se sócio de "A Afiançadora S.A.", associação destinada a garantir e a facilitar a locação de imóveis. Participou do processo de emancipação do município de São Tiago, que ocorreu entre 1948 e 1949.

Como prefeito, desenvolveu, com os parcous recursos do Erário Municipal, atuação ímpar em prol dos interesses da Comunidade São Tiaguense, e até mesmo de todas as comunas brasileiras. Em 1954, quando era prefeito de São Tiago, participou do III Congresso Nacional de Municípios, apresentou e defendeu o projeto de reforma constitucional reivindicando a redistribuição das cotas partes do Imposto de Renda para todos os municípios brasileiros (hoje FPM – Fundo de Participação dos municípios).

A partir da elaboração do Plano Diretor da cidade, graças à colaboração do D.A.M. (Departamento de Assistência dos Municípios), abriu e prolongou ruas, sendo obrigado a promover desapropriações por utilidade pública; reformou todas as instalações hidrelétricas da cidade, tendo inclusive, construído nova barragem e grande canal no "Rio Sujo", elevando, assim, o potencial da usina local, que, com novos transformadores, regulador automático, volante etc., pode, até a instalação da CEMIG, atender ao crescimento da cidade e, consequentemente, do consumo de energia. Reformou os serviços de Mercedes de Água Limpa abriu novas ruas na sede daquele distrito e melhorou o aspecto da principal via pública ali existente, construiu a rodovia que liga a "Mineração de Estanho São João del-Rei", 5 quilômetros, nas divisas com o município de Nazareno.

Idealizou e organizou mais de um grande movimento cívico, a que deu o nome de "Parada do Trabalho", empreendimento esse que teve larga repercussão no Estado; tendo, para tanto, contado com integral apoio de todas as classes laboriosas do município, notadamente da progressista classe operária. Com as "Paradas do Trabalho", Octavio Leal Pacheco abriu e prolongou ruas, supriu becos, colocou meios-fios e construiu sarjetas ao longo de vários logradouros públicos da antiga sede distrital; extinguuiu, por completo, antigo cemitério

RECENSEAMENTO DE 1920

MUNICÍPIO DE BOM SUCESSO (ESTADO DE MINAS GERAES)

RELATORIO

APRESENTADO À 15^ª DELEGACIA SECCIONAL DO RECENSEAMENTO
PELO AGENTE ESPECIAL
OCTAVIO LEAL PACHECO

Contém o resultado dos trabalhos censitários, e o histórico da fundação da cidade de Bom Sucesso.

POPULAÇÃO 25.551 HABITANTES

EDUARDO MUNIZONTO
Impresso Oficial do Estado de Minas Geraes
— 1922 —

existente em derredor da Igreja Matriz, exumando os cadáveres e transladando seus restos mortais para o novo cemitério local; demoliu o muro de pedrão que até então circundava o antigo Campo Santo.

Reformou a rodovia entre São Tiago e São João del-Rei e construiu grande trecho da que nos liga à cidade e município de Oliveira. Construiu, igualmente, a ponte sobre o Rio Jacaré, entre esta cidade e Morro do Ferro, obra essa julgada pelos contemporâneos da época, de difícil realização e, para alguns deles, até mesmo inexequível.

Sr. Raul Mata recorda as dificuldades de recursos enfrentadas pelo governo na época de Leal Pacheco:

Ele foi prefeito depois do meu pai, eu já entendia um pouco de gente, tinha torcida política. Ele foi um candidato indicado pelo meu pai, e governou durante 4 anos, ele não tinha o que fazer porque não tinha renda, o município não tinha nada, ele viajava demais procurando recursos, mas não conseguiu muita coisa, porque acho que a mesma coisa estava acontecendo com o estado, mas ele ficava no hotel Londres, lá em Belo Horizonte. Então ele gastou muito dinheiro com hospedagem, não conseguiu muita coisa, não tinha o que fazer. Pacheco não tinha dinheiro pra nada na prefeitura, mas satisfez a população, o que ele podia fazer, ele fez. Nós já tivemos grandes perdas aqui na administração de São Tiago. Era calmo, maneiro, mas era um homem bom. E a gente tem saudade dele⁵.

Em 1941 voltou a participar dos trabalhos de recenseamento,

⁴ MATA, Raul Wilson da. Entrevista concedida em 12/01/2024 a Elizabeth Marcia dos Santos.

⁵ MATA, Raul Wilson da. Entrevista concedida em 12/01/2024 a Elizabeth Marcia dos Santos.



desta vez como Inspetor do Serviço Nacional de Recenseamento, centrando-se a região de Rio Novo zona da Mata mineira, onde fundou e dirigiu o jornal "O Censo" do qual foi atuante diretor, tendo como colaboradores, o Dr. Silviano Araújo, na qualidade de Redator Chefe e Messias Lopes, na de Diretor Secretário.

Ao que consta, atuou como rábula, um advogado sem formação superior.

A sra. Maria Célia Mendonça ao ser consultada sobre as memórias que conserva sobre Pacheco, relembrou certa vez em que ele redigiu um contrato para seu esposo Delcio para que o mesmo pudesse alugar terras, e que também para ela, ele teria feito uma requisição ao Estado pedindo sua efetivação na escola⁶.

Igualmente a sra. Nilda Reis Mata, relembra a intervenção de Leal Pacheco para ajudá-la em sua nomeação como professora do Estado:

"Eu tenho uma lembrança do Sr. Pacheco na época em que eu fui ser nomeada, a mamãe era diretora na escola, aqui pertencia a Bom Sucesso, em 1946 e lá o prefeito era José Vanderlei Lara e ele travou minha nomeação, porque dizia que eu não podia trabalhar com minha mãe que era diretora da escola. Aí o Sr. Pacheco falou: Não, de jeito nenhum, a d. Nilda tem de ser nomeada porque aqui tem vaga a Maura Marta filha do Sr. Durval, tinha casado com o Ferreira e então tinha essa vaga aqui pra mim. Aí o sr. Pacheco foi lá em cima na época do governador de Minas, Noraldino Lima⁷ e arrumou a minha e eu fui nomeada em 10 de abril de 1946"⁸.

Darci Andrade⁹ conta que ele trabalhava em parceria com o Dr. Sebastião, advogado, assim Pacheco reunia as causas de São Tiago e montava os processos; e todas às sextas-feiras ia ao fórum de Bom Sucesso para as audiências.

Ao longo da vida, escreveu poesias e gostava de teatro, atuando e escrevendo algumas peças encenadas em São Tiago. Tornou-se membro da Academia de Letras de São João Del-Rei no início da década de 1970. A oratória, segundo pessoas que com ele conviveram, era uma de suas habilidades.

Sr. Raul Wilson da Mata em entrevista concedida conta que morou junto a Pacheco na pensão, dos seus avós maternos Luiz Caputo e Jovina da Mata Caputo. Na época Sr. Raul era ainda menino ficava na pensão junto a outro irmão, Onofre da Mata, para estudarem no Grupo escolar Afonso Pena Júnior. Segundo palavras do entrevistado. "O sô Pacheco tinha seus costumes, era um homem de gabarito, eu apreciava, falava muito bem, discursava bem¹⁰."

Segundo Assis, pelos discursos encontrados em seu arquivo pessoal e que teriam sido escritos pelo próprio Leal Pacheco, sua ideologia política fica evidenciada; e por estar sempre alinhado a diversos grupos ou partidos políticos que assumiram o poder no Brasil desde a República Velha até a ditadura militar, pode-se considerá-lo como um político "conservador". (Assis, p.74)

Era progressista, Leal Pacheco se via como "diferente", mas era mais que isso, era um "estrangeiro" nas terras mineiras onde se fixou. Vinha do Rio de Janeiro, a "moderna e republicana" capital que passara pelas reformas urbanas de Pereira Passos. A capital dos bondes, das revoltas populares, dos operários, dos imigrantes, a primeira com 1 milhão de habitantes no país, o centro político da República Velha. Chegou ao interior mineiro como Delegado do Recenseamento de 1920. Encontrou pequenas cidades e vilas, controladas por elites rurais, que exerciam o mandonismo local típico do coronelismo das primeiras décadas da história republicana brasileira. Leal Pacheco era diferente: moderno, progressista, contudo

não combateu a política tradicional das pequenas localidades mineiras em que se estabeleceu – Bom Sucesso e São Tiago.

E se a modernização não acontecia no contexto político, acontecia no espaço. Ele era um visionário de reformas, modernizações, mas não de mudanças estruturais na sociedade. Na sua "Síntese biográfica" afirma, como sempre usando a terceira pessoa do discurso, esse compromisso com o progresso de São Tiago desde que ali chegou: Daí por diante, jamais deixou de manter contato com a gréi santiaguense, tornando-se grande amigo desta terra e sincero entusiasta por tudo que lhe proporcionasse grandeza e progresso¹¹.

Fez as instalações dos serviços de água no povoado de São Pedro da Carapuça. Reformou ponte e prédio de escola no povoado "Fundo da Mata", onde fez instalar serviço de água à sua população. Reformou, igualmente em toda a extensão, as rodovias São Tiago–Mercês de Água Limpa, tendo construído variantes, bueiros e aterros, deixando-as, ao finalizar-se a sua administração, 31 de janeiro de 1963, em ótimas condições de tráfego¹².

Nas lembranças do Sr. João Gaudêncio de Campos (João do Janjão¹³) consta que seu pai fez muitas pontes no governo de Pacheco, relembra em especial a ponte que tem no Fundo da Mata que foi construída pelo pai nesta época. Segundo suas palavras:

"Nós carregávamos pedra, eram seis, sete, carros de boi trabalhando. Somente as pontes que eram feitas com adjutório (ou seja, através de mutirão, o Pacheco não pagava, obviamente) O Sr. Pacheco falava faz a ponte, você paga me dá a conta que eu te pago. Meu pai fazia, contabilizava tudo que gastava, e falava:

- Aqui Pacheco ficou em tanto, e aí ele pagava.

A Capela do Fundo da Mata não tinha água, era carneiro, era trabalhoso, quando acabava a bucha e tinha que trocar a gente fiava com a mão toda machucada, eu e meu pai. Ai quando foi para colocar água, meu pai, Janjão Evangelista de Campos, tornou a falar com ele porque ficava caro, era tudo cano de ferro. Aí o meu pai falou com ele e ele falou pode por Janjão que eu pago. Aí meu pai pôs e ele pagou.

Meu pai precisava dele na prefeitura e ele estava pronto, porque ele sabia que ia fazer e aparecer.

Ele foi uma das melhores pessoas que eu já conheci na vida, era um amor de pessoa, muito amigo, muito caridoso, se pedisse a roupa do corpo, ele dava. Passava o dia todo recebendo o pessoal da roça e da cidade, para montar os processos para o Dr. Sebastião. O padrinho Pacheco mexia muito com remédio de homeopatia, ele atendia as pessoas humildes que clamavam algum tipo de enfermidade, como desânimo, criança com mancha, falta de apetite... e usava aquelas gotas de homeopatia e água destilada, fazia uma porção e entregava para pessoa usar. Ele também foi político aqui em São Tiago, foi prefeito, participou de três eleições, perdeu uma. Sua casa era muito movimentada. Ele era muito tranquilo, acordava muito cedo, ia para a frente de casa até de pijama, às vezes até no frio, e eu perguntava por que ele levantava tão cedo, e ele me respondia: "Filha, para dormir eu terei a eternidade." Ele amava a vida! Sua morte significalou uma perda muito grande para mim e para muitas pessoas¹⁴.

Pacheco, faleceu, vítima de problemas cardíacos, em 23 de maio de 1975, no Rio de Janeiro, onde foi sepultado. Na década de 1980, os restos mortais de Leal Pacheco foram trasladados para São Tiago.

11 ASSIS, Ailton Alexandre . Um lâmpião dentro da mala: o arquivo pessoal de Octávio Leal Pacheco - memória e autobiografia. Disponível in https://ufsj.edu.br/portal-repositorio/File/mestrelas/DISSERTACOES/um_lampiao_dentro_da_mala.pdf

P.117

12 SABORES E SABERES. Boletim Cultural e Memorialístico de São Tiago e Região. Ano VIII. N° XCII. Maio de 2015

13 CAMPOS, João Gaudêncio .Entrevista concedida a Elizabeth Marcia dos Santos dia 17/01/2024.

14 ANDRADE, Darci Maria. Entrevista concedida em 14/01/2024 a Elizabeth Marcia dos Santos.

6 MENDONÇA, Maria Célia. Entrevista concedida no dia 11/01/2024 à Elizabeth Marcia dos Santos.

7 Interventor federal em Minas Gerais de 17/11/1946 a 20/12/1946.

8 MATA, Nilda Reis. 98 anos. Entrevista concedida no dia 19/01/1924 à Elizabeth Marcia dos Santos.

9 ANDRADE, Darci Maria. Entrevista concedida em 14/01/2024 a Elizabeth Marcia dos Santos.

10 MATA, Raul Wilson da. Entrevista concedida em 12/01/2024 a Elizabeth Marcia dos Santos.

EFEMÉRIDES 2025

Escola Henrique Pereira Santiago completou 40 anos

Com o crescimento da população são-tiaguense, tornou-se necessário ampliar a oferta de educação básica nas séries iniciais do Ensino Fundamental, uma vez que havia apenas uma escola para atender toda a demanda na sede do município.

Dante dessa realidade, o então prefeito, Sr. Guido Dirceu Reis, enviou um ofício às autoridades do Estado de Minas Gerais, solicitando a construção de uma nova unidade escolar no bairro Cerrado, que até então não contava com nenhuma instituição de ensino.

Com a intermediação de políticos e autoridades locais junto ao Governo do Estado, foi obtida a autorização para o funcionamento da Escola Estadual "Farmacêutico Henrique Pereira Santiago".

A solenidade de inauguração ocorreu em 10 de abril de 1985, com a escola inicialmente instalada em um prédio provisório,

compartilhado com a unidade da CNEC, localizada na Rua São José, 55. O evento contou com a presença de familiares do patrono da escola, autoridades civis, religiosas e militares, diretores, professores das escolas locais e uma representante da 21ª Delegacia Regional de Ensino de São João del-Rei. Também estiveram presentes o prefeito municipal e o presidente da Câmara.

A sessão de instalação da nova unidade foi presidida pela diretora nomeada, professora Jandira Vivas Moraes. A representante da Delegacia Regional de Ensino realizou a leitura da autorização de funcionamento, além de outros protocolos formais. Em seguida, algumas autoridades proferiram discursos, e, ao final, o Monsenhor Eloi concedeu a bênção ao prédio provisório que abrigaria a escola até a aquisição de uma sede própria.



Solenidade em 1985



Primeiras professoras

Na ocasião da instalação, para o início das atividades, a escola registrou 283 matrículas, distribuídas entre as turmas do pré-escolar à 4ª série. O funcionamento na Rua São José foi mantido de 1985 a 1988.

Posteriormente, foi adquirido um terreno na Rua Bonfim, destinado ao Estado de Minas Gerais, para a construção da

sede própria da escola. As obras tiveram início em junho de 1987, seguindo o padrão arquitetônico adotado pelo governo estadual, sob a coordenação do DEOP-MG (Departamento Estadual de Obras Públicas de Minas Gerais). A conclusão ocorreu em 1988, e a inauguração oficial foi realizada em 17 de dezembro, no endereço Rua Bonfim, 396, bairro Cerrado.

SOLENIDADE DE INAUGURAÇÃO EM 1988 | ATUAL PRÉDIO DA ESCOLA | COMEMORAÇÃO DO 40 ANOS



Ao longo de sua trajetória, a escola passou por importantes reformas e ampliações, com o objetivo de oferecer mais conforto aos alunos e melhores condições de trabalho aos servidores. Entre 1998 e 2002, a unidade esteve sob a administração do Município de São Tiago, retornando à responsabilidade do Estado de Minas Gerais em 5 de julho de 2002, quando foi estadualizada.

Atualmente, a Escola Estadual "Henrique Pereira Santiago" é uma referência educacional no bairro Cerrado. Por suas salas de aula passaram muitas pessoas que deram continuidade aos estudos, conquistaram profissões e receberam uma formação



cidadã para a vida, graças à base construída nesta instituição.

Ao celebrar seus 40 anos, a comunidade reconhece que a escola é mais do que um espaço de aprendizado: é uma verdadeira família, um alicerce fundamental. As comemorações ocorreram com uma celebração festiva na Igreja do Rosário, no dia 11 de abril, com a presença de servidores, alunos e ex-servidores. Após a cerimônia, os participantes seguiram para as homenagens realizadas no prédio da escola.

Marcus Santiago
Ex-aluno e ex-servidor

CERTIDÕES DOS IRMÃOS MENDES VALLE EM SÃO TIAGO, RITÁPOLIS E SÃO JOÃO DEL REI

2ª PARTE

Documentos pesquisados/localizados por Vânia Mendes Ramos da Silva., com comentários feitos pela pesquisadora Juliana Areias. Aqui compilados/divulgados para apreciação de nossos leitores, servindo, ademais, de ponto de pesquisa para estudiosos e historiadores.

NOTA – Família Mendes Valle, que, em grande número de membros, assim como inúmeras outras famílias de nossa região, migraram – numa verdadeira diáspora – para o Triângulo Mineiro, Alto Paranaíba e Sudeste de Goiás em fins do século XVIII e inícios do século XIX. A primeira parte da matéria foi publicada em nosso boletim n. CCXI, abril/2025

BATISMO E CASAMENTO DE MARGARIDA MENDES VALLE

Batizada em 20 de julho de 1763, na Capela de Santo Antônio, em São João del Rei, filha de Antônio Mendes Valle e Francisca Coelho Meirelles. Padrinho: João da Costa Valle, solteiro.

Casada em 22 de novembro de 1791 na Capela de São Thiago, em São João del Rei, com João de Almeida Ramos, filho de João Rodrigues Cardoso e Helena Maria, natural de Barbacena-MG. Testemunhas: Reverendo Miguel Ribeiro da Silva e Thomas Mendes.

BATISMO DE MARIA 7/1/1802 – São Tiago

Filha de Margarida Mendes Valle e João de Almeida Ramos – Batizada na Capela de São Thiago, filial de São João Del Rei, padrinhos: Antônio Gonçalves de Carvalho e Mariana Ferreira da Silva.

BATISMO DE ANTÔNIA MENDES VALLE (ANTÔNIA MARIA MENDES) – 1779

Filha de Antônio Mendes Valle e Francisca Coelho Meirelles, casada com Antonio Rodrigues Villas Boas.

BATISMO DE ANTÔNIO – 7/1/1802 – RITÁPOLIS

Na Capela de Santa Rita, São João Del Rei. Filho de Antônia Maria Mendes e Antônio Rodrigues Villas Boas. Padrinho: Antônio Mendes Valle. Todos dessa freguesia.

BATISMO DE JOSÉ MENDES VALLE (JOSÉ MENDES DO NASCIMENTO VALLE) – 8/9/1764 SÃO JOÃO DEL-REI

Na Capela de Santo Antônio, São João del Rei. Filho de Antônio Mendes Valle e Francisca Coelho Meirelles. Padrinhos: José Lopes Ferreira e sua mulher Maria Duarte, da freguesia das Carrancas.

CASAMENTO DE JOSE MENDES DO NASCIMENTO VALLE E ANASTÁCIA MARIA DE JESUS – 5/2/1809 – São João Del Rei-MG

Na Ermida de Nossa Senhora das Dores, casamento de José Mendes do Nascimento, filho de Antônio Mendes Valle e de Francisca Coelho de Meirelles, natural e batizado nessa freguesia, com Anastácia Maria de Jesus, filha de Jerônimo Dias de Araújo e de Anna Maria de Jesus, natural e batizada na freguesia da Villa de São José. Testemunhas: Reverendo Bernardo Ribeiro da Silva e João de Almeida Ramos.

CASAMENTO DE JOAQUIM MENDES DO VALLE & MARIA ANTONIA DE JESUS – 6/2/1808 – São João del Rei-MG

(O noivo é/era irmão de José Mendes do Nascimento Valle e a noiva é/era irmã de Anastácia Maria de Jesus)

Na Ermida de Nossa Senhora das Dores, São João Del Rei, casaram-se Joaquim Mendes do Valle, filho de Antonio Mendes do Valle e Francisca Coelho de Meirelles, natural e batizado na Capela de São Thiago, com Maria Antônia de Jesus, filha de Jerônimo Dias de Araújo e Anna Maria de Jesus, natural e batizada na Capela da Oliveira, dessa mesma freguesia. Testemunhas: Reverendo Bernardo Ribeiro da Silva e Joaquim Pinto de Gois Lara.

BATISMO DE FRANCISCO – AFILHADO DE JOAQUIM MENDES VALLE – 20/12/1803 – SÃO TIAGO

Na Capela de São Thiago, jurisdicionada à matriz de São João Del Rei. Filho de Joaquim Antônio Gonçalves e Benta da Silva. Padrinhos: Joaquim Mendes Valle e Izabel Coelho da Silva, todos dessa freguesia

CASAMENTO DE RITTA MARIA MENDES VALLE E LUIZ ANTÔNIO DE MIRANDA – 2/2/1799 – RITÁPOLIS

Na Ermida da Fazenda São Miguel do Distrito de Santa Rita casaram-se Luiz Antônio Miranda, filho do Capitão Antônio Henrique de Miranda e Dona Joaquina da Encarnação de Jesus, natural e batizado na freguesia da Villa de Santa Catarina, Bispado do Rio de Janeiro, com Ritta Maria filha de Antônio Mendes

do Valle e Francisca Coelho de Meirelles, natural e batizada nessa freguesia. Testemunhas: Capitão Joaquim Pinto de Gois Lara e Antônio Gonçalves de Carvalho e outros.

OBSERVAÇÕES GERAIS FEITAS POR JULIANA AREIAS – Observações gerais sobre os assentos e testamentos de São João Del Rei encontrados pela pesquisadora e prima Vânia Mendes Ramos da Silva em Novembro de 2021:

– Testamento e inventário de Antônio Coelho de Meirelles – preto forro- calhamaço fotografado parcialmente – 70 e tantas fotos super apagado, acho que ele diz que não teve filhos. Da para ler apesar da letra ruim.

– Novo inventário encontrado em São João Del Rei revela que o José Mendes Valle é alferes e português da Villa de Barcelos arcebispado de Braga. (Telhado, Braga, mas Vila Nova do Famalicão). O outro fala Vila Barcelos). Primo do José Mendes do Nascimento. Filho de João Mendes da Costa e Maria Pereira da Silva. Esse José Mendes Valle era solteiro. Sem filhos. Considerando o sobrenome, acho que o pai desse alferes José Mendes Vale (João Mendes da Costa) seria irmão do Antonio Mendes Vale. Então esse casal Maria Pereira e João Mendes da Costa seriam tios do José Mendes do Nascimento. No inventário do José Mendes Valle doc 1 lá de Araxá, vi os pais em tese esses Mendes Costa seria irmão do Antônio Mendes Valle (Correto). Porque ele fala que é primo do outro mas a mãe não é Coelha de Meirelles não faz sentido. E a outra mãe é Pereira uma confusão, não consegui assimilar essa relação deles.

Mais umas pecinhas. Achei duas pessoas com nomes parecidos no Family Search: Antonio Mendes da Costa – GMZ3-T16 .Mas não sei se a cidade bate. Não pesquisei Portugal ainda e achei os nomes muito diferentes. E o sobrenome dos pais não tem Valle. Achei esse casal. Sobrenome dos filhos "Mendes da Costa".

“Estranho aparecer entre sobrenome “Valle” a partir de uma família “Costa”. Povo inventava os sobrenomes. Talvez do mesmo jeito que criaram esse “Nascimento”. (Eu, Juliana Areias, teorizo que ambos os sobrenomes criados eram para diferenciar de outros parentes homônimos e também marcar uma nova geração ou localidade. De Telhado Vila de Barcelos, Braga. Famalicao, Braga é o que o Google está indicando como nome atual. Mas sabendo que está no distrito de Braga, talvez pelo arquivo distrital de Braga seja possível localizar o nome antigo em Barcelos. Veja so: <http://pesquisa.adb.uminho.pt/results?t=Telhado%20barcelos>).

Outro assunto, olhando o registros de casamento de São João del Rei para tentar identificar as capelas e saber a região onde estavam os Mendes Valle. O Joaquim Mendes Valle se casou pelo que entendi na Capella do Onça. Em uma Ermida. Os Vieira da Motta e Ferreira da Cunha são de São Francisco do Tamanduá. São Bento do Tamanduá (Itapecerica) e Campo Belo. Estavam pertinho. Todas essas cidades estão aqui no meu entorno. José Mendes Valle também. No mesmo lugar. Ermida do Reverendo Barnabe. É a filha mais velha deles. Maria de São José é também minha ascendente. Recebi esses dias o testamento. Ela diz que nasceu no lugar chamado Jacaré, Termo de São João Del Rei ou outro da província de MG. Irmã do Antonio Mendes Valle seu tetravô. E do Manuel que também é meu hexavô.

A Margarida já foi na Capella de São Thiago. Que também está mais próxima desse Santana do Jacaré que do centro de São João Del Rei propriamente. Mas esse povo rodava aqui tudo. Impressionada. Kkkkk

Encontrei mais alguns achados sobre os Mendes Valle em São João Del Rei. Havia encontrado uma filha Maria da Margarida, mas vi que no inventário ela não está. Esperançosa de que fosse a Maria Antônia. Mas pelo menos já sanei a dúvida.

Eles realmente estavam na região de São Thiago. Um pouco longe da sede de São João Del Rei. Mais próximos da Fernão Dias.

EXTRATO DO INVENTÁRIO DE MARGARIDA MENDES VALLE – Araxá-MG 1825

(Irmã de José Mendes do Nascimento Valle)

Documento pesquisado na Caixa 20 do acervo da Fundação Calmon Barreto em Araxá.

Inventário feito em Cartório por seu marido João de Almeida Ramos, em São Domingos de Araxá, Comarca da Villa de Paraca-

tu do Príncipe, em 29/4/1825. (Falecimento ou testamento em 1824). Lista seus bens incluindo muitos escravos. Não lista todos os filhos e filhas, mas as assinaturas de seus herdeiros homens, que além do esposo, deduzimos os outros sejam seus filhos (ou genros):

- João F Almeida Ramos (esposo)
- Antônio Almeida Ramos
- João Luis de Almeida
- José de Almeida Ramos
- Francisco de Almeida Ramos
- Joaquim de Almeida Ramos

EXTRATO DO TESTAMENTO E INVENTÁRIO DE MARIA DE SÃO JOSÉ – Patrocínio-MG – 1829.

(Irmã de José Mendes do Nascimento Valle)

Filha de Antônio Mendes Valle e Francisca Coelho Meirelles, sem filhos e viúva de Antonio Gonçalves de Carvalho, inventariada em Patrocínio em 1829, deixando bens para vários sobrinhos e pra seu irmão José Mendes do Nascimento.

EXTRATO DO INVENTÁRIO DE ANTÔNIA MENDES VALLE / ANTÔNIA MARIA MENDES – Araxá 17/1/1854 – Caixa 61

(Irmã de José Mendes do Nascimento Valle)

Inventário da Caixa 61 da Fundação Calmon Barreto de Araxá-MG.

Intentário de Antônia Maria Mendes, falecida em 21/3/1853 em Araxá-MG, viúva de Antônio Rodrigues Villas Boas.

Inventariante, seu filho, Antônio Rodrigues Mendes

Na Folha 4 e 5 do Título de Herdeiros, vem nomeados nessa ordem:

Manoel "Salgado" que representa sua filha Maria, casada com Andre Pereira.

Filhos de Antônia Maria Mendes e Antônio Rodrigues Villas Boas.

1) Maria Antonia de Jesus (talvez 51 anos) casada com Ignacio Ferreira da Cunha

2) Antônio Rodrigues Mendes (do Valle), 54 anos

3) Josefa Maria de Jesus, viúva do finado Reginaldo Jose Mariano, 52 anos

4) Francisca Coelho Meirelles Neta 48, falecida (casada com Ignacio Antônio Barbosa) representada pelos filhos:

– Maria Francisca de Jesus *1824 casada com "Esmeriano ou Bernardino Ferreira", 30 anos

– Manoel Antônio Roque, *1832, 22 anos

– Maria Jorgina (ou Virginia) de Jesus *1837 casada com Joaquim "Ismael" da Silva, 17 anos

– Joaquim *1838, 16 anos

– Maria Alexandrina *1845, 11 anos,

– Antônio, *1846, 8 anos

5) ?

6) Joaquim Rodrigues Mendes, 46 anos (morador de Patrocínio)

7) Teresa casada com Joaquim Correa dos Santos, 42 anos.

Procurações nas páginas 13 e 18 do inventário declaram:

(Página 13) Andre Purcino de Souza por cabeça da sua mulher Maria Luisa da Silva, em Patrocínio 25/4/1853 nomeados procuradores em Araxá: Antônio Rodrigues Mendes do Valle, Antônio Manoel da Apresentação, Alexandre Florencio Pinto.

(Página 18) "Esmeriano" Ferreira de Moraes e sua mulher Maria Francisca de Jesus, e Joaquim Goncalves da Silva e sua mulher Maria Jorgina (ou Virginia) de Jesus, maridos cabeças dos respectivos casais fazem a procuração para a herança de sua sogra Francisca Coelho Meirelles (Neta) em 5/4/1853 no Arraial da Freguesia de São Francisco das Chagas de Monte Alegre, Freguesia da Villa Uberaba, Comarca do Paraná, Província de Minas Gerais, todos moradores desse distrito... constituem por bastante procuradores nesse distrito seu sogro Ignacio Antonio Barbosa e no distrito de Nossa Senhora da Conceição de Araxá, o procurador Antonio Rodrigues (Mendes do Valle)... e os bens que a eles como herdeiros por cabeça de suas mulheres coube pelo inventário da finada sua avó Antonia Mendes, e como herdeiros dos bens da finada sua sogra Francisca Coelho de Meirelles (Neta) herdeira daquella.

EXTRATO DO INVENTÁRIO DE ANTÔNIO RODRIGUES VILAS BOAS

(Marido de Antônia Maria Mendes)

(Irmã de José Mendes do Nascimento Valle)

Araxá – 17/1/1854

Documento pesquisado na Caixa 63 do acervo da Fundação

Calmon Barreto em Araxá.

Antônia Maria Mendes, viúva e inventariante de seu falecido marido Antônio Rodrigues Villas Boas. Na sua morte deixando 7 filhos adultos. Porém antes da partilha morre o filho mais velho Manoel Rodrigues e por isso tem que ser apontado como curador de órfãos Jerônimo J. de Souza. (página 3). Na página 12, título de herdeiros, vem listado os descendentes do casal:

1-Manoel Rodrigues, falecido cc Mariana de Tal (Mariana da Cunha Ferreira ou Mariana Ferreira da Cunha), pais de: 1.1 Maria, 3 anos e 1.2 José , 1 ano.

2-Maria Antônia de Jesus, 39 anos cc Ignácio da Cunha Ferreira, 3-Antônio Rodrigues Villas Boas, 37 anos cc Apolinária Maria de Jesus,

4-Francisca Coelho Meirelles Neta, 35 anos cc Ignácio Antônio Barbosa,

5-Josefa Maria de Jesus, 36 anos cc Reginaldo José Mariano (ou Máximo/Maximino),

6-Joaquim Rodrigues, 26 anos cc Tereza e

7-Thereza Maria de Jesus, viúva cc Clemente Luis José.

Outros documentos dos Mendes Valle em São João Del Rei, com parentesco ainda indefinido.

PISTAS SOBRE MANOEL MENDES VALLE

Batismo de Antônio – afilhado de Manoel Mendes Valle

24/6/1803 – Capela de São Thiago, São João Del Rei – Antônio, filho de Luciana, moradora de Santa Ritta. Padrinhos: Manoel Mendes Valle e Quitéria Maria de Jesus.

Registros de escravos de Antônio Mendes do Valle em São João Del Rei.

Batismo de Vitoria escrava de Antônio Mendes do Valle

Batismo de Luiza, filha de Thereza, escrava de Antônio Mendes do Valle

Batismo de Eva – 13/5/1806 – Capela de São Thiago

Eva, filha de Domingos Congo e Serafina Angolla, escravos de Antônio Mendes do Valle.

Padrinhos: Manoel João Ferreira e Antônia Satubenta, todos dessa freguesia.

Batismo de Joaquim – 6/11/1803 – Capela de São Thiago

Joaquim, filho de Romão Calunda e Caetana Angolla, escravos de Antônio Mendes do Valle. Padrinhos: Joaquim Congo e Silveria Crioula, escravos do Reverendo Miguel Ribeiro da Silva, todos dessa freguesia.

EXTRATO DO INVENTÁRIO DE FELIPE DE ALMEIDA RABELLO COM TUTOR DE ÓRFÃO: ANTÔNIO MENDES VALLE

1770 – São João del Rei-MG

Felipe de Almeida Rabello, falecido em 30/3/1770, solteiro, teve uma filha natural com Maria da Conceição, solteira. Nome da filha: Anna, de 7 anos, tem como tutor de órfão Antônio Mendes Valle, que assina o documento. Como a maioria das páginas do documento está bem ilegível, não sabemos por esse documento qual é a ligação de Antônio Mendes Vale com Felipe ou com Maria da Conceição. Observando outros documentos onde no inventário consta órfãos, normalmente o tutor é irmão ou cunhado de um dos pais da criança. Na página 24, aparecem citados alguns nomes que podem ter parentesco também: José Francisco do Vale, Antônio José do Valle Guimarães, Manoel da Costa Pedrosa. Na página 30 aparece uma assinatura de uma pessoa chamada Pedro de Almeida.

LIVRO DE NOTAS – No 12 – 1802-1804 – SÃO JOÃO DEL REI

CARTAS DE ALFORRIA DE ESCRAVOS E PROCURAÇÕES

Documentos pesquisados por Vânia Mendes Ramos da Silva. Transcrição feita por Gleicilene Vechio.

Documentos citando membros da Família Mendes Valle / Mendes da Costa presente em São João Del Rei.

Nota folha 1 – Carta de liberdade dada a Joanna Mulata, por Antônio Villa bem de Azevedo Cotrim (23/8/1802)

Nota folha 2/3/4 – Procuração de José Mendes Valle a José Antônio Mendes da Costa e seu irmão Pedro José Mendes Costa ... (10/9/1802)

Fl. 52 v Procuração bastante que faz José Mendes Valle

"Saíbam quantos este público instrumento de poder e procuração bastante virem que sendo no Ano do Nascimento de Nossa Senhor Jesus Cristo de Mil Oitocentos e Dois, aos 02 dias do mês de Setembro do dito ano, nesta Vila de São João Del Rei, Minas e Comarca do Rio das Mortes, em o cartório de mim Tabelião



ao diante nomeado, apareceu presente José Mendes Valle, morador no Rio do Peixe, Aplicação da Capela de São Tiago (Maior), Termo da Vila de São José, desta Comarca, de mim Tabelião, reconhecido pelo próprio, de que trato e dou fé, e por ele me foi dito perante as testemunhas ao diante nomeadas e assinadas, que por este público instrumento e na melhor forma de Direito fazia, ordenava e constituía por seus (certos e em tudo) bastantes procuradores nesta Vila a Luiz Alves de Moura, o Doutor Gomes da Silva Pereira e do Doutor João Felisberto Gomes do Couto em Lisboa na (Cotovia) a José Antônio Mendes da Costa e seu irmão o Padre José Mendes (e ao pai dele) outorgante Antônio Mendes da Costa, aos quais todos juntos e a cada um in solidum (deu, dava), outorgava, cedia e traspassava todos os seus poderes em Direito (necessários) para o que em nome dele outorgante como se presente estivesse (possam) procurar, requerer, alegar, (mostrar) e defender todo o seu Direito e Justiça em todas as suas causas e demandas Cíveis e Crimes movidas e por mover, em que for autor ou réu e poderão (arrecadar) toda a sua fazenda, dinheiro, ouro, prata, escravos encomendas, carregações, bens móveis e de raiz, (seus) rendimentos e dos Cofres dos Órfãos e ausentes ou de outro qualquer Tribunal e (tudo o mais que lhe) achar lhe pertencer por qualquer (via, título), documento (ou razão) que seja, e de tudo o que cobrarem e arrecadarem darão quitação como pedidos lhe forem a seus devedores, (citarem) e demandarem e contra eles oferecerem petições, (ações, libelos), contrariedades e todo o mais gênero de artigos (a prova necessária) (apresentar adversa), contrariar, contestar por suspeições aos julgadores, Oficiais de Justiça, e mais pessoas que suspeitos lhe forem em outros se louvarem, (houverem) despachos e sentenças (e nos dados) a seu favor consentirem e dos contrários apelarem, e agravarem e tudo (seguirem e renunciarem) até (maior Alçada) e final sentença com o poder de substabelecer os procuradores que quiserem e os substabelecidos tornarem a substabelecer e revogá-los se lhes parecer ficando-lhes isto sempre em sua força e vigor e poderão jurar na Alma dele outorgante qualquer lítico juramento de (Colenta) decisório e supletório fazê-lo dar (e deixar) em quem lhes parecer fazendo (consertos, cisões, transações), reclamações, desistências e amigáveis composições, louvamentos, nomeações, habilitações, justificações, protestos, seqüestros, partilhas, embargos, desembargos, penhoras, prisões, (consentir em solturas), lançar, (arrematar), tomarem posses, confessarem (artigos) de habilitações, assinarem todas e quaisquer termos ou artigos e especialmente dava poderes aos ditos seus procuradores e substabelecidos para receber da mão de Antônio Mendes da Costa toda a legítima que pertence a ele outorgante por falecimento de seu pai João Mendes da Costa, e sua mulher Maria Pereira de Sá, e de seu irmão João Mendes Valle, e que depois de recebida a mesma legítima (seguirão) os meus procuradores a ordem que for escrita, como também (poderão) revalidar o importe de 250 missas que o irmão dele outorgante Antônio Mendes da Costa mandou dizer por Alma dos pais dele outorgante à conta de sua legítima de cujas missas tem ele outorgante certidão em seu poder, e foram tudo (o mais) que necessário for a bem dele outorgante como ele (o fizera) se presente fosse com livre e geral administração e que promete haver por bom, firme e valioso todo o requerido e (obrado) pelos ditos seus procuradores e substabelecidos e os (releva) do encargo de (satisfação) que o Direito obriga e que (se) para a sua pessoa reserva toda a nova (citação), e de como assim o (disse e outorgou), me pediu lhe fizesse este instrumento nesta nota que assinou e o mesmo instrumento (aqui) o lancei em cumprimento da Ordem do Juiz Ordinário, na forma da Lei, o Vereador (do Senado) da Câmara, o Capitão João (Baptista) da Silveira, sendo a tudo testemunhas presentes o Doutor João Antônio Ferreira da Costa, João de Faria (Silva Gomes), que todos assinaram, depois (deste) lhes servido por mim, Gregório José (Ribeiro), Tabelião, que o escrevi".

José Mendes Valle

Joam Antônio Ferreira da Costa

Joam de Faria (Silva Gomes)

Nota folhas 4/5 - Carta de liberdade dada ao escravo Lourenço de Nação Monjolo, pelos seus Senhores Antônio Mendes Valle e sua mulher Francisca Coelho de Meirelles. (1808 ou 15/8/1852).

Fl. 53 v

Traslado de uma petição de Lourenço de Nação Monjolo e Es-

crita de Liberdade que lhe passou seus Senhores Antônio Mendes Valle e sua mulher Francisca Coelho de Meirelles – documento lavrado no Rio do Peixe (São Tiago)

"Diz Lourenço de Nação Monjolo que ele (obteve) de seus Senhores Antônio Mendes Valle e sua mulher Francisca Coelho de Meirelles sua Carta de Liberdade que (junto) oferece e quer que se lance no Livro de Notas

Pede a Vossa Mercê seja servido mandar que o Tabelião sendo reconhecida a lance e receberá mercê como pede. Silveira.

Nós abaixo assinados fazemos certo e constante por esta na sua Escritura de Liberdade que por sermos como somos atualmente Senhores e Possuidores com domínio e geral (ilegível) e administração entre outros bens de 1 escravo por nome Lourenço, de Nação Monjolo, a este temos concedido (restantíssimos) e damos a plena e (inteira) liberdade pelos bons e úteis e (felizes) serviços que ele nos tem feito no decurso de muitos anos, juntamente assim mais por nos dar o dito escravo ao fazer deste 16 cabeças de gado vacum, cujo gado já recebemos, e por tudo fica o dito Lourenço gozando de hoje para todo o sempre toda a liberdade natural, e cível que lhe concedemos (restantíssimos) e (transferiremos) realmente e com posse em que fica já por este próprio (nossa) feito (contraente) para usar dele como lhe agradar e convier, na conformidade de todos os Direitos, e Lei do Reino sem outro ônus, nem condições ou (rejeição) por algum modo que renunciamos e largamos de nós para sempre, cuja liberdade lhe asseguramos, juramentamos, e afiançamos fazer-lhe boa, por nós e nossos herdeiros, testamenteiro, e fazemos a todo o tempo (o de não contravermos), nem reclamarmos, e nunca sem (princípio) depositar-se \$200 para serem aplicados e julgados para a (Caixa da Bula da Santa Cruzada) pelo que mandamos escrever este nosso papel de liberdade geral e quitação por Luiz Antônio de Miranda, (do dito) nosso escravo Lourenço, Nação Monjolo, na presença das testemunhas que nele se assinaram depois de nos ser lido e (acharmos) conforme a nossa vontade e (segura) verdade e por nós assinados, e sendo assim entregue ao dito nosso liberto para seu título e poder com ela gozar de todos as honras, (imunidades) e isenções das (sessões) e (vassalos), e (em gerais), conforme o Direito comum e canônico, natural, cível e do Reino".

Rio do Peixe, 15 de Agosto de 1802 anos.

Antônio Mendes Valle

Francisca Coelho de Meirelles

Como testemunha que este fez e vi assinar

Luiz Antônio de Miranda

José Mendes do Nascimento

Antônio Rodrigues Villas Boas

Nós abaixo assinados reconhecemos as assinaturas de Antônio Mendes Valle e sua mulher Francisca Coelho de Meirelles, como também a letra da Carta de Liberdade e assinatura da testemunha Luiz Antônio de Miranda, José Mendes do Nascimento e Antônio Rodrigues Villas Boas, por termos dela pleno conhecimento, o que juramos aos Santos Evangelhos, Vila de São João, 02 de Setembro de 1802.

Luiz Alves de Moura

José Mendes Valle

Reconheço a letra e firmas de nós abaixo supra ser tudo feito pela própria mão e punho de Luiz Alves de Moura e José Mendes Valle por ter dos mesmos pleno conhecimento em fé, do que me (assino) em público e raso.

Vila de São João Del Rei, a 02 de Setembro de 1802.

Em testemunho de verdade sinal público.

Gregório José Ribeiro

E não se continha mais coisa alguma em a dita petição, Escrito de liberdade e seu reconhecimento, o que me reporto e de donde (aqui) o lancei bem e fielmente na verdade e sem coisa que dúvida faça, (em findo) que o assinei e conferi em cumprimento do despacho proferido na petição do suplicante (ilegível) do Capitão João (Baptista) da Silveira, Vereador do Senado da Câmara, desta Vila, que serve de Juiz Ordinário desta mesma Vila, e seu Termo, e com alçada no Cível e Crime, por impedimento (dos atuais), nesta Vila de São João Del Rei, Minas e Comarca do Rio das Mortes, aos 02 dias do mês de Setembro do Ano do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de 1802, eu, Gregório José Ribeiro, Tabelião Público do Judicial e Notas, que o escrevi, assinei e conferi.

Gregório José Ribeiro

NR: A primeira parte desta matéria foi publicada em nosso boletim nº CCXI, abril/2025.

AS PROFESSORAS DE RITÁPOLIS

As histórias que contam a saga das professoras de São Tiago atendendo e trabalhando na zona rural do município formam um tópico bem público e difundido. Além do conhecimento por parte da população de casos e memórias existe, mesmo que inconsciente, um sentido de respeito e agradecimento de muitos pela aventura pessoal e corajosa que a maioria enfrentou: falta de transporte oficial substituído por caronas, caminhão de leite, caminhadas e lombo de cavalo para completar o percurso; serem obrigadas a morar longe de casa, em fazendas ou lugares sem recursos; imóveis escolares sem qualquer infraestrutura; falta de material didático e o grande problema pedagógico de turmas sem divisão de idades, etc. Essa estrutura de ensino rural perdurou até o momento em que o poder público municipal entendeu que fazer o transporte especial dos alunos até alguma escola era logicamente mais simples que levar os professores até as localidades.

Entretanto, houve outro episódio envolvendo professoras de São Tiago que, mesmo em menor escala e em um período mais curto de tempo, é interessante o suficiente para se seja descontinuado o seu relativo anonimato.

O município de Ritápolis, através de sua Escola Estadual Padre Crispiniano, batizada assim em homenagem a um padre filho da terra, durante a gestão da famosa diretora Maria Brasilina da Silva Leão, a Nina, necessitou recompor seu corpo docente de forma mais extensa a partir dos anos 70's. A cidade não contava com um curso de formação de professores para contrabalançar essa demanda. No extremo oposto, em São Tiago, existia desde 1967 na CENEC um Curso de Habilitação ao Magistério consolidado na formação das famosas normalistas e abastecendo um mercado pequeno e restrito com um excedente de postulantes a cargos letivos, com pouca ou nenhuma vaga a ser preenchida pela estabilidade de profissionais efetivados. No encaixe perfeito e oportuno entre oferta e procura Ritápolis recorreu e se serviu dessas professoras de São Tiago em estado de disponibilidade, no regime de contrato temporário. Desta forma, durante um bom tempo que coincide com as gestões da Diretora Nina (1968 a 1986), um pequeno batalhão dessas moças, não simultaneamente, teve que adaptar a sua vida para trabalhar naquela cidade.

Este contingente de professores era formado por mulheres, um verdadeiro Clube da Luluzinha, sem nenhum bendito é o fruto. O Zezé Carvalho, filho de Dona Teca e pai homônimo, assumiu aulas de educação física naquela instituição, porém em outro contexto.

A moradia era o empecilho inicial e o mais importante para viabilizar o trabalho. A maior parte do grupo resolveu morar na cidade, ficando em pensões, alugando acomodações ou montando algo parecido como uma república ou ponto de apoio. Um dos locais escolhidos, ou a bem da verdade, acessível pelo aluguel ba-

analise. Àquela época as condições não eram muito animadoras. O imóvel já era antigo, e nem se sabe se sua função original era moradia. De estrutura bem rústica era daquele tipo de ambiente onde parece que a sujeira sempre prevalece sobre os maiores cuidados de limpeza. Para piorar a situação a construção ao lado era um paiol, o que atraia a presença desagradável de ratos.

A Ágda do Tonico Ferreira e a Sandra do Jandir optaram por continuar morando em São Tiago sendo que para isso o transporte era o maior obstáculo a ser vencido. Os horários disponibilizados pela Viação São Cristóvão não eram compatíveis com o funcionamento da escola. O recurso foi apelar para o caminhão de leite do Baiano, cujo motorista era o conhecido Sr. Vavá, filho do Paulo Mantegueiro. O caminhão partia de São Tiago muito cedo, quase noite ainda, para dar tempo de fazer a via sacra pelas fazendas dos produtores, recolher o leite e leva-lo ao seu destino, deixando as duas professoras em Ritápolis antes do primeiro sinal. A gentileza e o cuidado do Sr. Vavá fazia com que ele as buscassem em casa, pois tinham receio do escuro, do ermo da hora e de eventuais cachorros bravos. Para voltar, dava-se um jeito, ou esperando longamente pelo ônibus da tarde ou arrumando caronas.

A necessidade de professores era tão intensa que mesmo a Sandra do Jandir, minha esposa, com a cabeça voando em nuvens filosóficas em um projeto de rebelde sem causa, recém-formada, sem experiência, contando somente com uma substituição em sala do primeiro grau no Afonso Pena, recebeu um convite de trabalho tendo a Dora do Abel alfaiate como intermediária. O convite veio acompanhado de um aviso e conselho sério: “- A vaga é sua, mas você tem que ser muito responsável!”. Ela conseguiu!



E. E. Padre Crispiniano – Fonte: sresjdelrei.educacao.mg.gov.br



A Casa de Pedra no Beco do Curral

rato, foi a chamada Casa de Pedra, muito bem localizada no Beco do Curral, a poucos passos do Santuário Diocesano de Santa Rita de Cássia, central e importante templo religioso. Atualmente essa casa reformada parece não necessariamente convidativa, mas pelo menos levemente mais interessante, o que trapaceia a

O tempo passado em Ritápolis repercutiu em tantas moças com significados plurais. Se para algumas foi apenas mais uma fase do percurso perdida no meio da vida, para outras representou um ritual de passagem importante no âmbito profissional com uma abordagem mais madura e responsável. Ritápolis foi um palco para trabalhar, ensinar, aprender, viver no sentido de assumir deveres e rotinas, explorar, divertir e vencer as dificuldades pesadas que surgissem. Algumas se lembram da época sem muita alegria, como a Dedeia do Adão que tinha lá suas diferenças e atritos com a diretora causando distanciamento; outras gostaram tanto, como a Maria do Carmo do Teodósio, que para lá se mudou, casou, criou família e outras raízes, assumindo a cidade como sua até hoje.

Tanto tempo e tantas informações impossibilitam criar uma lista definitiva e fiel para tantos nomes. Optou-se por fazer um recorte de certa época com essas professoras: Dora do Abel alfaiate, Rosimeire do Zé Murilo, Sandra do Jandir, Jane de um Adão, Dedeia de outro Adão, Ágda do Tonico Ferreira, Maria do Carmo do Teodósio, Mercezinha do Inhô Padeiro, Pet do Nô, Auxiliadora do João Bileca e um etc. respeitoso com aquelas não mencionadas.

Fabio Antônio Caputo

EFEMÉRIDES 2025

PE. TIAGO DE ALMEIDA 40 ANOS
DE SUA PARTIDA (1985-2025)

Tiago de Almeida, o segundo filho do casal Mateus José de Almeida e Conceição Cândida, nasceu em São Tiago/MG, no dia 4 de fevereiro de 1929. Era irmão de José, Antônio, Maria, Joaquim e Quita.

Em sua terra natal, Tiago frequentou o curso Primário (1936-1941) no Grupo Escolar "Afonso Pena Júnior". Durante esse período, recebeu a Primeira Comunhão das mãos do Pe. José Duque de Siqueira, enquanto servia como coroinha na Igreja Matriz — um gesto que revela desde cedo sua ligação com a fé e a vida religiosa.

Aos 12 anos, ingressou na Congregação Salesiana. Em Lorena, no estado de São Paulo, cursou o Ginasial e o Colegial/Clássico no Instituto São Joaquim (1942-1946), e posteriormente Filosofia no Instituto Salesiano de Pedagogia e Filosofia (1947-1949). Em Pindamonhangaba, recebeu solenemente a batina em 1947, passo significativo em sua vocação religiosa. Após foi designado para lecionar em Araxá (1950-1953), em um dos colégios da congregação, e lá fez o noviciado. De volta à capital paulista, cursou Teologia no Instituto Pio XI (1953-1956). Ao concluir seus estudos recebeu o diaconato.

A ordenação sacerdotal foi realizada na Catedral da Sé, em São Paulo, no dia 15 de agosto de 1956. Para sua ordenação, escolheu como lema o versículo do evangelho de São Mateus 20,28: "Vim para servir, não para ser servido." Essa frase, que guiou toda a sua vida sacerdotal, revela a essência de sua vocação: o serviço abnegado, humilde e generoso.

Poucos dias depois, em 19 de agosto, Pe. Tiago retornou a São Tiago para celebrar sua primeira missa na terra natal. A cerimônia foi marcada por grande emoção, reverência e orgulho de toda a comunidade.

Após a ordenação, atendeu ao chamado da Congregação Salesiana e seguiu viagem para Roma, com a missão de aprofundar seus estudos. Pela Pontifícia Universidade Gregoriana, obteve o título de Mestre em História da Igreja (1956-1958). Durante sua estadia na Europa, teve a oportunidade de conhecer a Itália, França, Espanha e Portugal, enriquecendo ainda mais sua formação cultural, espiritual e intelectual. Dotado de grande talento linguístico, aperfeiçoou os idiomas que

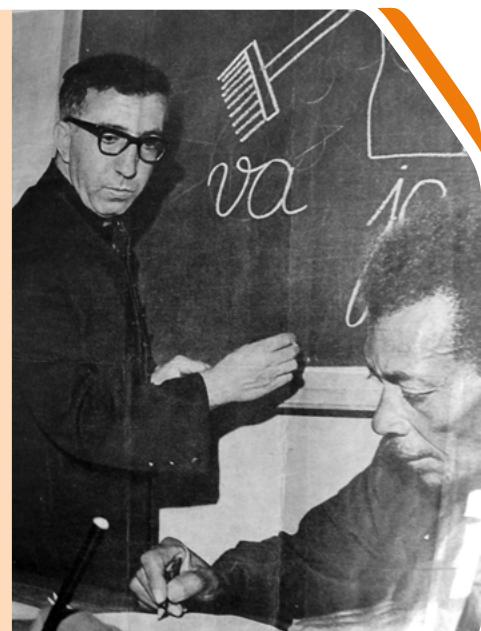
já dominava — italiano, francês, espanhol, inglês e latim — e ainda adquiriu noções de grego, hebraico e alemão. Pe. Tiago foi um homem de múltiplos dons: além de seus ofícios religiosos, destacou-se como teatrólogo e musicista, com habilidade para tocar acordeom, piano e órgão.

Como escritor, deixou um legado valioso por meio de obras de formação e reflexão, entre as quais se destacam: Jovens em Comunidade, De Olhos Fixos no Irmão, Amor de Suely e Adolescência de Sayonara. Essas publicações são testemunhos de seu olhar sensível e comprometido com a juventude, com os valores cristãos e com a edificação de uma sociedade mais fraterna.

No decorrer de seu ministério sacerdotal, Pe. Tiaguinho deu dois passos notáveis que marcaram sua missão evangelizadora e educacional. O primeiro foi a elaboração e autoria do Método Salesiano Dom Bosco de Educação de Base para a Alfabetização de Adultos, uma contribuição pioneira e transformadora para a educação popular. O segundo foi sua participação ativa nos cursos da Pastoral da Juventude, que resultou na fundação do Movimento Construindo, do qual foi diretor por mais de oito anos. Ambas as iniciativas ganharam destaque em nível nacional pela promoção humana, a inclusão social e o protagonismo juvenil.

Com espírito incansável de aprendizado e serviço, deu continuidade aos seus estudos, habilitando-se em Orientação Pedagógica. Atuou como professor universitário na Faculdade Dom Bosco — atual UFSJ — nos cursos de Filosofia e Pedagogia. Também exerceu com dedicação e competência os cargos de professor, orientador e diretor em diversas instituições de ensino, como o Colégio São João e o Colégio Salesiano da Avenida Amazonas, em Belo Horizonte, além de ter sido diretor do Colégio Salesiano de Paraguaçu/MG.

A vocação, na vida do cristão, é um chamado constante às diversas formas de serviço a Deus, à Igreja e aos irmãos. E foi justamente com essa escuta sensível e esse coração aberto que Pe. Tiaguinho viveu sua missão: como verdadeiro missionário, sempre atento à voz de Deus, formou jovens líderes e universitários para atuarem no Movimento Construindo e capacitou professores para a aplicação do seu método.



de alfabetização de adultos.

Esses projetos tornaram-se instrumentos de transformação em seu cerne, traziam vida, liberdade e realização humana e profissional, tanto para quem atuava como instrutor quanto, principalmente, para aqueles que eram instruídos.

No ano de 1979, Pe. Tiago, discernindo que era o momento oportuno para trilhar novos caminhos no seio da Igreja, solicitou aos seus superiores a permissão para realizar uma experiência na vida secular, agora como sacerdote diocesano. Após diálogo com Dom Antônio Carlos de Mesquita, foi acolhido na Diocese de Oliveira, assumindo, pouco tempo depois, a Paróquia São Francisco de Paula, na década de 1980.

Sua chegada à comunidade francisco-paulense foi um marco histórico. Em apenas dois anos, o novo pároco já havia im-



plantado a Missão Jovens Construindo. Embora se tratasse de uma paróquia humilde em recursos, isso jamais foi obstáculo para o seu ardor missionário e carisma. Pelo contrário: Pe. Tiaguinho fez florescer, com criatividade e dedicação, uma rica obra social e pastoral, sustentada pela fé e amor ao próximo. Com o apoio das lideranças locais, conquistou para a paróquia um espaço destinado à cantina, onde era servida sopa aos pobres duas vezes por semana, além de um lactário que atendia crianças do nascimento até os sete anos de idade. Criou seis centros de catequese, tanto na sede quanto nas comunidades rurais, ampliando o alcance da evangelização. Dinamizou importantes movimentos da Igreja. Organizou grupos de famílias, incentivando a oração comunitária durante as novenas nos setores paroquiais. Durante as festividades da paróquia, promovia ações que encantavam a todos: a Rua da Alegria, voltada para a recreação das crianças, e o Natal dos Pobres, realizado em dezembro. Mais do que um pároco, foi um verdadeiro animador da comunidade. Ele mesmo animava os eventos paroquiais, cantava e tocava acordeom com alegria contagiante.

Virtuoso, visionário e profundamente humano, Pe. Tiaguinho possuía uma mentalidade muito além do seu tempo. Planejava o futuro com ousadia e buscava incessantemente recursos para a comunidade que pastoreava, promovendo o desenvolvimento espiritual, social e humano de seu povo.

Em 1983, Pe. Tiago seguiu para Belo Horizonte e tomou posse como vigário da Paróquia Nossa Senhora Aparecida, no bairro Camargos. Mesmo já cuidando de sua saúde, deu início a uma nova e intensa fase de sua missão pastoral, assumindo com zelo e amor a condução da comunidade que lhe fora confiada. Desde os primeiros momentos, dedicou-se com afinco à reorganização da vida paroquial: reuniu-se com grupos, as-

sociações e movimentos religiosos, incentivou a participação ativa dos fiéis e deu início à construção de capelas, ampliando os espaços de oração e convivência. Seu coração generoso também o levou à assistência constante aos mais necessitados, por meio de ações sociais voltadas às famílias carentes, visitas a doentes e asilados, além da celebração de missas em diversas localidades da região.

Mesmo em meio às limitações impostas pela saúde, Pe. Tiaguinho permaneceu um verdadeiro pastor, guiando com sabedoria, bondade e espírito de serviço. Seu trabalho à frente da paróquia foi exemplo de fé viva e ação concreta, deixando marcas profundas na vida daqueles que tiveram a graça de conviver com ele.

Ainda na capital mineira, no dia 14 de maio de 1985, ao retornar de uma consulta ao dentista, foi vítima de um atropelamento na Avenida do Contorno, em Belo Horizonte. Socorrido imediatamente, foi levado ao Hospital Felício Roxo, mas, devido à gravidade dos ferimentos, veio a falecer ao meio-dia do mesmo dia.

A notícia de sua morte espalhou-se rapidamente por Minas Gerais e por várias partes do Brasil, causando comoção pela sua partida precoce, especialmente entre os fiéis e amigos. Em sua terra natal, São Tiago, a tristeza tomou conta de todos os seus conterrâneos, que tanto o admiravam.

No dia seguinte, 15 de maio, foi realizado o velório na Igreja Matriz de São Tiago, em um clima de profunda dor e reverência. A igreja ficou repleta de pessoas que ali compareceram para prestar-lhe as últimas homenagens, manifestar sua gratidão e se despedir de um sacerdote virtuoso, missionário incansável e amigo de todos.

A missa de corpo presente foi presidida pelo bispo diocesano, Dom Francisco Barroso Filho, e concelebrada por Dom Arnaldo Ribeiro (Bispo Auxiliar de Belo Horizonte), Dom Antônio Carlos de Mesquita (Bispo da Diocese de São João del-Rei), pelo clero da Diocese de Oliveira e por membros da Congregação Salesiana, com a presença de familiares, amigos, paroquianos e visitantes vindos de diversas partes do país.

Após a celebração foram feitas diversas homenagens, demonstrando o carinho e a admiração por tudo o que Pe. Tiago representou. Em seguida, foi realizado o cortejo fúnebre até o Cemitério Paroquial de São Tiago, acompanhado por uma multidão emocionada.

Quarenta anos se passaram desde sua partida, mas o saudoso Pe. Tiaguinho permanece vivo na memória e no coração de todos que tiveram o privilégio de conviver com ele. Muitos ainda se recordam, com emoção, de sua fé serena, de suas obras cheias de propósito, de sua generosidade sem limites e do amor que dedicava ao próximo. Seu nome é lembrado com ternura e reverência, como símbolo de uma vida inteiramente dedicada ao ministério sacerdotal, à educação, à juventude, aos mais pobres, à música, ao teatro e à história. Sua presença, embora invisível, continua a inspirar e iluminar caminhos.

Finalizamos esta homenagem com o texto de Cairu, lido durante o seu velório: "Morreu o Pe. Tiaguinho. Morreu o poeta, o escritor, o artista, o seresteiro. Morreu o sacerdote humilde, pobre que deu sua vida à Igreja amando, ajudando, perdoando. Morreu o grande orador sacro! Seus sermões, Pe. Tiago, a sua voz eloquente e firme, sua mensagem de sacerdote e de amigo não se calarão aos nossos ouvidos. Você parte e deixa o seu exemplo de dignidade, de pobreza e de fé. Morreu o Padre. Morreu o poeta e cantor, o artista de nossos teatros, o sanfoneiro de nossas festas, o padre – o padre, o grande padre..."

Marcus Santiago
IHGST/ALSJDR

Santa Teresinha do Menino Jesus

100 Anos de canonização

Autor: Redação MBC

A canonização de Santa Teresinha foi um grande anseio popular. Antes mesmo de declarada beata, já era venerada localmente. A comoção popular foi tanta que a santa foi beatificada em 29 de abril de 1923 e canonizada em 17 de maio de 1925 por Pio XI, apenas 27 anos depois de sua morte.

Homilia da Canonização de Santa Teresinha do Menino Jesus por Pio XI *proferido em Roma a 17 de maio de 1925*.

“Bendito seja Deus, Pai de Nossa Senhor Jesus Cristo, Pai de misericórdias e Deus de toda a consolação” (II Coríntios 1, 3), que no meio dos inúmeros cuidados do Nosso ministério apostólico, concedeu-Nos a Nós a alegria de inscrever como nossa primeira santa no calendário dos santos, a Virgem que também foi a primeira a ser beatificada por Nós, ao início do Nosso Pontificado. Esta Donzela tornou-se criança na ordem da graça, mas seu espírito de infância estava unido a tal grandeza de alma que, de acordo com as promessas de Cristo, ela merecia ser glorificada diante da Igreja na terra, bem como na Jerusalém Celeste.

Damos graças a Deus também por permitir que Nós, que ocupamos o lugar de Seu Filho Unigênito, com insistência repitamos hoje, desta Cátedra da Verdade e durante esta solene cerimônia, o salutar ensinamento do Divino Mestre. Quando os discípulos perguntaram: “Quem será o maior no Reino dos Céus?”, Ele chamou um menino e, colocando-o no meio deles, pronunciou estas palavras memoráveis: “Em verdade vos digo: se não vos converterdes e vos tornardes como crianças, de modo algum entrareis no Reino dos Céus” (Mateus XVIII, 2).

Teresa, a nova santa, havia aprendido com profundidade este ensinamento do Evangelho, e o havia traduzido em sua vida diária. Além disso, ela ensinou o caminho da infância espiritual pela palavra e pelo exemplo às noviças de seu convento. Ela o expôs claramente em todos os seus escritos, que foram espalhados até os confins do mundo, e que seguramente ninguém leu sem ficar encantado, ou sem lê-los repetidamente com grande prazer e muito proveito. Para esta simples criança, esta flor que desabrochou no jardim murado do Carmelo, não se contentando em acrescentar ao seu nome o do Menino Jesus, exprimiu em si a sua imagem viva, de modo que se pode dizer que quem venera Teresa, honra e louva o Modelo Divino que ela reproduziu em si mesma.

Por esta razão, Nós alimentamos hoje a esperança de ver brotar na alma dos fiéis de Cristo um desejo ardente de levar uma vida de infância espiritual. Esse espírito consiste em pensar e agir sob a influência da virtude igual uma criança pensa e age na ordem natural. Os pequeninos não são cegados pelo pecado, nem perturbados pelas paixões, e desfrutam em paz e seguras da posse de sua inocência. Sem culpa de malícia ou fingimento, elas falam e agem como pensam, e mostram-se como realmente são. Assim, Teresa parecia mais angelical do que humana em sua prática da verdade e da justiça, dotada como era da simplicidade de uma criança. A Donzela de Lisieux tinha sempre na memória o convite e as promessas do seu Esposo: “Quem é pequenino, venha a Mim” (Provérbios IX, 4). “Seus filhinhos serão carregados ao colo, e acariciados no regaço. Como uma mãe acaricia o seu filhinho, assim eu vos

consolarei” (Isaías LXVI, 12-13).

Assim, consciente de sua própria fragilidade, Teresa abandonou-se confiantemente à Providência Divina e, a valer-se apenas dela, trabalhou para adquirir – à custa de todos os sacrifícios e de uma abdicação total e alegre de sua própria vontade – a perfeita santidade de vida. Destarte, não é de se admirar que em Teresa se cumprisse a palavra de Cristo: “Aquele que se fizer humilde como esta criança será maior no Reino dos Céus” (Mateus XVIII, 4). Pelas instruções do Catecismo ela bebeu a pura doutrina da Fé; do livro de ouro da *Imitação de Cristo* ela aprendeu a ascese, e nos escritos de seu Pai São João da Cruz, encontrou sua teologia mística. Acima de tudo, Teresa alimentou seu coração e sua alma com a inspiração da Palavra de Deus, sobre a qual meditava assiduamente, e o Espírito da Verdade ensinou-lhe o que costuma ocultar dos sábios e prudentes e revelar aos pequeninos. Verdadeiramente, Deus a enriqueceu com excepcional sabedoria – segundo o testemunho de Nosso Predecessor Pio X, de venerável memória –, de modo que, com tanto conhecimento das coisas celestiais, a pequena Teresa foi para os outros um luzeiro indicador de um caminho seguro de salvação.

E desta participação superabundante na luz e na graça divina, acendeu-se em Teresa uma chama tão ardente de caridade que quase a sobressaltava o corpo até que, no final, esta mesma chama ardorosa de caridade a consumiu. Tanto

que, pouco antes de sua morte, Teresinha pôde confessar com franqueza “que nunca havia dado a Deus nada além de amor”.

Evidentemente, foi debaixo da influência daquela ardente caridade que a Donzela de Lisieux tomou a resolução de fazer todas as coisas por amor de Jesus, com o único objetivo de agradá-Lo, de consolar seu Sacratíssimo Coração e de promover a salvação eterna das almas para amar a Cristo perpetuamente. Nós temos a prova de que, ao entrar no Paraíso, ela começou imediatamente, também ali, esta obra entre as almas, quando vemos a mística chuva de rosas que Deus lhe permitiu realizar, e que ainda permite que caia sobre a terra, como ela ingenuamente havia predito.

Portanto, é Nossa sincero desejo, Veneráveis Irmãos e diletos Filhos, que todos os cristãos se tornem dignos de participar desta abundante profusão de graças resultantes da intercessão de Teresinha; e desejamos ainda muito mais ardente que todos os cristãos a estudem com diligência para imitá-la, tornando-se eles próprios em criancinhas, pois se não o forem, segundo as palavras do Mestre, serão excluídos do Reino dos Céus.

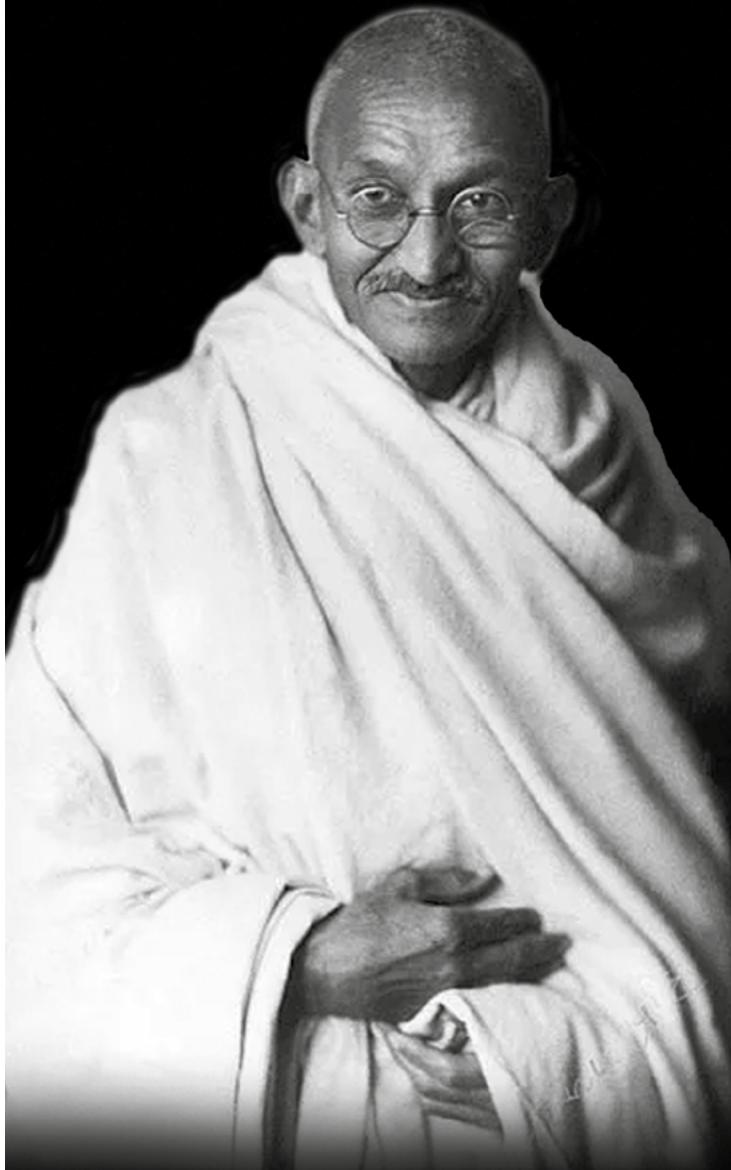
Se todos seguissem este caminho da infância espiritual, quem não vê o quanto facilmente seria realizada a restauração da sociedade humana que Nos propusemos a realizar no início de Nosso Pontificado, e mais especialmente na promulgação deste Ano Jubilar¹.

Nós, portanto, adotamos como Nossa aquela oração com a qual a nova Santa Teresinha do Menino Jesus encerrou sua inestimável e venerável autobiografia: “Ó Jesus, nós Vos suplicamos que lanceis o Vosso olhar sobre o grande número de almas pequeninas, e que escolhais neste mundo uma legião de pequenas vítimas dignas do Teu amor”. Amém.



ENTRÉE DE LA BANNIÈRE DE SAINTE THÉRÈSE DE L'ENFANT-JÉSUS À SAINT-PIERRE DE ROME
le jour de sa Canonisation. 17 mai 1925.

Registro da canonização de Santa Teresinha na Basílica de São Pedro, no Vaticano



Gandhi expulso do trem

7 de junho de 1893. Um homem é retirado à força do vagão de um trem exclusivo para brancos na África do Sul. Esse ato de discriminação marcou a história do jovem advogado indiano Mohandas Karamchand Gandhi, de 23 anos, que viria a ficar mundialmente conhecido como Mahatma Gandhi.

Naquele dia, Gandhi estava em uma viagem a trabalho a caminho de Pretória. Quando o trem parou na estação da cidade de Pietermaritzburg, um passageiro branco denunciou a presença do indiano no vagão. Os funcionários da ferrovia deram ordem para que Gandhi deixasse a primeira classe, mas ele se recusou a sair porque tinha passagem para estar ali. Mesmo com o bilhete em mãos, Gandhi foi jogado para fora do trem por não ser branco e desobedecer às leis de segregação racial.

Era uma noite fria de inverno e o jovem passou a noite em uma pequena sala de espera sem aquecimento. Apesar de levar um casaco na bagagem, não teve coragem de pedir para pegá-lo com receio de ser insultado novamente.

Ser tratado daquela maneira mudou a forma como Gandhi via a discriminação racial na África do Sul e o impulsionou a lutar contra a segregação no país. Aquele momento de reflexão fez com que o líder indiano desenvolvesse o "satyagraha", uma forma de protesto não-violento que significa "insistir pela verdade".

Na estação de Pietermaritzburg, uma placa marca o local onde Mahatma Gandhi foi vítima de discriminação em que se destacam os dizeres: "Este incidente mudou o curso de sua vida. Ele assumiu a luta contra a opressão racial. Sua não-violência ativa começou a partir daquele dia." Já a sala de espera onde Gandhi passou a noite virou ponto turístico com uma exposição que lembra o episódio de racismo.

COERÊNCIA – Gandhi e o soldado

Atribui-se a Mahatma Gandhi uma das mais belas histórias que já tive a oportunidade de ouvir. Conta-se que, em determinado dia, Gandhi andava pelas ruas da Índia quando foi surpreendido por um guarda britânico, que sem nenhum motivo proferiu um soco em seu rosto, levando-o ao solo.

Gandhi se levantou, sem proferir uma única palavra de protesto, e postou-se de pé diante do soldado que sem hesitar proferiu um segundo soco em Gandhi, que novamente tombou ao chão.

Nesse momento, uma multidão começou a se aglomerar ao redor da confusão, formada por transeuntes que presenciaram o ato de violência. Temendo o pior, Gandhi tenta acalmar o ímpeto de revolta da população.

O soldado impetuoso e irônico pergunta a Gandhi: "Corvo! Quem te ensinou a não reagir?". Calmamente Gandhi levanta o braço e aponta o dedo para o peito do soldado lhe dizendo: "Foi esse homem preso à cruz, pendurada em teu peito".

O soldado então coloca a mão no crucifixo que carregava em seu pescoço e constrangido com a resposta de Gandhi evadiu-se do local sem nada dizer.

Gandhi não era cristão, era hindu, mas naquele momento foi capaz de exercer um dos preceitos cristão mais difíceis de serem executados, "ofereci a outra face".

Qual daqueles homens foi de fato coerente com a sua fé? O que agiu com violência ou aquele que agiu com mansuetude?

Gandhi e o guarda-chuva

Mahatma Gandhi, o notável líder indiano, tinha poder, prestígio, milhões de seguidores. Em um de seus muitos eventos políticos, em meio a uma enorme manifestação popular, tempo instável, surpreendeu os presentes, ao estar de posse – e carregar ele próprio – um guarda-chuva.

– Por que o Senhor, nosso grande líder, carrega isso? Perguntaram-lhe.

– Podemos fazer isso para o Senhor.

Antes que respondesse, iniciou-se uma copiosa chuva.

– A verdadeira liderança não precisa de poder, pompa. Precisa de planejamento, propósito, setenciou Gandhi.

POVOADORES DE SÃO TIAGO

Subsídios à história local Séculos XVIII-XIX

INACIO DA SILVEIRA MACHADO

Inácio da Silveira era c/c Maria Joaquina da Conceição. Chefe do fogo 32 na capela de São João Batista (Rol dos Confessados 1795 – Capela de São João Batista) e coproprietário da Fazenda Capão Grosso com 3 escravos de nomes Manoel, Mariana e Vitoriano, crioulos com idades respectivamente de 26, 23 e 13 anos. Ao falecer em 1809, o inventário de Inácio da Silveira Machado incluía a duplicação da escravaria com o nascimento de três filhos da escrava Mariana (Inventário post-mortem de Inácio da Silveira Machado – AHET II – IPHAN/SJDR cx. 440 – 1808)

Ana Clara de Jesus, filha do casal, casou aos 19-07-1808 na capela de São João Batista (Morro do Ferro) com Vicente de Almeida e Silva, n. e b. na capela de São Tiago aos 10-04-1786, filho de José de Almeida e Silva e Ana Maria de Jesus – padrinhos Pe. José Manoel da Rosa e Esméria Clara (Projeto Compartilhar – Família Costa Afonso)

Outro filho do casal, Manuel Inácio da Silveira casou aos 13-11-1811 com Maria Claudina de Santana, batizada aos 23-06-1793 em São Tiago, filha de Manuel Martins do Espírito Santo e Maria Madalena de Santana, casados estes aos 05-05-1792. Manuel Martins do Espírito Santo era natural da aplicação de São João Batista (Morro do Ferro) onde foi batizado aos 29-06-1772, filho de André Martins Borges e Maria Josefa do Nascimento. Dª Maria Madalena de Santana era natural de São Tiago onde foi batizada aos 09-03-1772, filha de João Pereira de Sampaio e Ana Quitéria de São Joaquim, sendo seu padrinho Francisco Xavier do Prado. O casal Manuel Inácio da Silveira e Maria Claudina de Santana teve os filhos Rita Felisbina de Santana, Manuel Martins Pereira, Ana Custódia de Jesus, Silvéria Rosa do Espírito Santo, José Martins Borges, Bibiana Maria de Jesus, Antônio Martins Pereira, Mariana.

(Pesquisas: Vinícius Mata, a quem agradecemos).



SESMEIRO MANOEL MARQUES DE ARAÚJO

Manoel Marques de Araújo foi contemplado com sesmaria na Paragem do Rio do Peixe, em ...1747, tendo como confrontantes Domingos Monteiro... Segundo consta, era ele natural da freguesia de Santa Ana de Vimieira, arcebispado de Braga, filho de Manoel Marques e Maria de Souza, tendo vindo muito jovem para o Brasil. Casou-se aos 19-06-1765 na matriz de Carijós (Conselheiro Lafaiete) com Eugênia Angélica do Sacramento, natural de Carijós, filha de Manoel da Costa Silva e Maria da Piedade.

Proprietário ainda de "roças e serventias de hospedagem" no lugar "Ressaca" (hoje sitas nos municípios de Carandaí e Ressaquinha), que eram, então, atalho para os viajantes do Rio das Mortes e caminho para os que se destinavam a Vila Rica. ("O Caminho Novo" – Luciane Cristina Scarato)

Filho do casal, q.d.:

1- João Marques de Araújo – casou aos 04-08-1819 na capela de Santo Amaro de Queluz (Conselheiro Lafaiete) com Ana Maria da Silva, batizada aos 30-12-1799, na capela de Santo Amaro de Queluz, filha de Domingos Fernandes da Costa e Maria Luiza da Silva (Projeto Compartilhar – "Os Silva Pinto de Queluz")

Dª Maria Luiza da Silva, batizada aos 08-09-1766 na capela de Nossa Senhora da Glória em Carijós (Conselheiro Lafaiete), nascida aos 30-08 do mesmo ano, filha do Alferei Luiz da Silva Pinto e Leonor Pereira da Silva. Casou aos 10-12-1792 na capela de Santo Amaro (Conselheiro Lafaiete) com Domingos Fernandes da Costa, filho de Manoel Fernandes da Costa, natural da freguesia de Santa Maria de Adaufe, comarca de Vila Real, arcebispado de Braga e de Dª Maria de Abreu, filha de Felipe de Abreu, natural de Santa Ana de Parnaíba e de Dª Francisca Siqueira de Moraes, natural da freguesia de Nossa Senhora da Penha de França, moradores em Queluz. (Projeto Compartilhar – família "Felipe de Abreu")

OUTROS SESMEIROS – PARAGEM DO RIO DO PEIXE – SÉCULO XVIII

Manoel Teixeira da Silva
Manoel Fernandes dos Santos
Maria Lemos (Leme) de Oliveira
Manoel Lopes de Oliveira

O que foi o Julgamento “Macaco” de Scopes?

Há 100 anos, um professor foi levado aos tribunais por ensinar a teoria de Darwin (evolução das espécies)

O Julgamento “Macaco” de Scopes ocorreu em 1925 em Dayton, Tennessee. O julgamento é formalmente conhecido como *The State of Tennessee v. John Thomas Scopes*. O estado acusou o Sr. Scopes, um professor de escola pública de ensino médio, de ensinar a evolução humana contra a lei estadual. Embora esse caso tenha sido propositalmente encenado para atrair publicidade para a cidade de Dayton, ele teve repercussões no debate sobre criação versus evolução e no futuro do ensino da teoria de Darwin nas escolas públicas.

A Butler Act do Tennessee, uma lei aprovada em março de 1925, proibia os professores de escolas financiadas pelo estado de ensinar a evolução humana. Em julho de 1925, John T. Scopes foi acusado de fazer exatamente isso. A American Civil Liberties Union (União Americana pelas Liberdades Civis) conseguiu que um advogado agnóstico, Clarence Darrow, representasse Scopes no futuro “Julgamento do Macaco”. William Jennings Bryan, três vezes candidato à presidência e presbiteriano, concordou em representar o estado do Tennessee. As linhas foram traçadas, a atenção do público foi atraída e um circo na mídia começou.

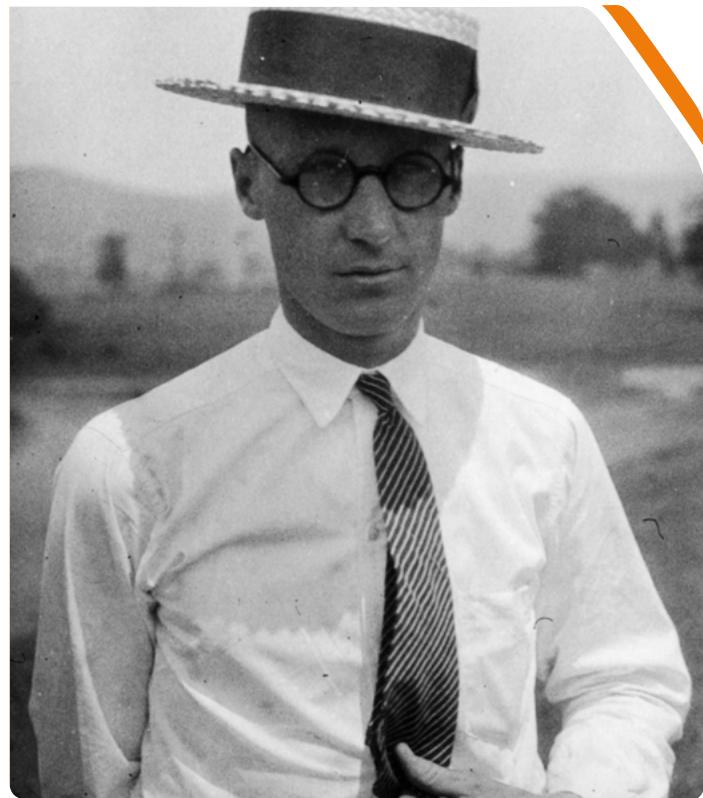
Desde o início, os envolvidos tinham motivos questionáveis, e o julgamento foi realizado em circunstâncias duvidosas. Por exemplo, o Sr. Scopes, que era apenas um professor substituto na sala de aula de ciências, nem sequer sabia se havia ensinado evolução, mas se incriminou para que o caso pudesse ter um réu. A defesa teve o cuidado de não permitir que Scopes testemunhasse, possivelmente porque sabia que ele nunca havia de fato ensinado a matéria. A princípio, a ACLU resistiu ao envolvimento de Darrow, com medo de que ele transformasse o julgamento em um circo pessoal e em uma cruzada contra a religião – o que de fato aconteceu. Seu envolvimento na equipe de defesa levou outros advogados, como Charles Hughes e John Davis, a desistirem.

Do lado da acusação, Bryan estava preocupado principalmente com os direitos dos estados. Sua principal defesa da Lei Butler era defender a capacidade do estado de escolher seu próprio currículo. Ele também estava profundamente preocupado com as ligações entre as teorias evolucionárias e a eugenia. De fato, Bryan disse claramente que estava disposto a debater a evolução, mas não achava que ela tivesse algo a ver com o caso Scopes. Mesmo assim, Bryan havia lido Darwin anos antes e o citou durante o caso. Darrow, por outro lado, admitiu que havia desistido de ler os escritos de Darwin, por considerá-los muito obscuros.

O julgamento rapidamente se transformou em um debate individual entre Bryan e Darrow sobre religião e ideais religiosos. Em uma atitude que alguns suspeitam ter sido a sua principal motivação para aceitar o caso, Darrow chamou Bryan para depor como “testemunha” da Bíblia. Graças a relatos fictícios, acredita-se que Bryan teve dificuldades para defender as Escrituras e sua fé fundamentalista e ficou constrangido ao depor. Na verdade, Bryan respondeu confortavelmente aos ataques de Darrow. Ele até desviou algumas das perguntas observando que, a rigor, uma pessoa não precisava acreditar em uma Terra de 6.000 anos.

As provocações de Darrow acabaram afetando Bryan. Ele ficou cada vez mais irritado no banco dos réus. Infelizmente, o próprio conhecimento de Bryan foi usado contra ele. A abordagem de Darrow foi hostil, superficial e ampla – atacando Bryan com mais perguntas do que poderia ser respondido. Conforme demonstrado nas transcrições reais, Bryan se mostrou cuidadoso e cheio de nuances, o que, ironicamente, causou mais críticas de seus eleitores, que poderiam ter preferido uma postura mais simples e dura.

A armadilha de Darrow foi maliciosa e multifacetada. Depois de duas horas de interrogatório em uma sala de audiências brutalmente quente, o juiz deu um fim à farsa. Em seguida, ordenou que todo o testemunho fosse retirado dos registros. O próximo truque de Darrow foi renunciar ao direito da defesa de fazer uma declaração final – o que, de acordo com a lei, também impedia a acusação de fazer uma. Isso foi uma contradição direta com a promessa anterior de Darrow de que ele, por sua vez, serviria como teste-



munha em nome do darwinismo, para ser examinado por Bryan. Ao fazer isso, Darrow manipulou a situação de forma inteligente para evitar qualquer possibilidade de respostas razoáveis. Bryan, de fato, foi silenciado, sem nenhuma oportunidade de responder.

Repórteres antirreligiosos, como H. L. Mencken, que nem estava presente durante o testemunho de Bryan, distorceram os eventos para fazer com que as opiniões religiosas parecessem piores. Bryan morreu alguns dias depois – em decorrência de uma dieta ruim e diabetes, e não de qualquer tipo de angústia.

Embora Scopes tenha sido considerado culpado em apenas nove minutos pelo júri, o veredito acabou sendo anulado pela Suprema Corte do Tennessee por uma questão técnica. Os juízes declararam em sua decisão que “não há nada a ganhar com o prolongamento da vida desse caso bizarro”.

O impacto do julgamento no debate sobre criação versus evolução foi significativo, embora tardio. A farsa revelou uma crescente animosidade em relação à religião e às visões bíblicas entre os não crentes que estavam dispostos a usar a teoria da evolução como uma arma contra a fé. A culpa ou inocência de Scopes nunca foi a questão real. Tampouco, apesar da intenção original, foi um teste legal da Lei Butler. Em vez disso, foi um golpe publicitário com o objetivo de correr as opiniões bíblicas e zombar da religião.

Depois que Scopes foi considerado culpado, vários estados tentaram aprovar leis semelhantes à Lei Butler, mas não conseguiram. Por um tempo, parecia que a maioria da nação estava mantendo leis antievolução. Na verdade, o conceito de evolução ainda era ensinado nas escolas, mesmo que a terminologia exata não fosse usada. Levaria várias décadas para ver todos os efeitos que o Scopes Monkey Trial teve sobre a nação e sobre o debate criação versus evolução. A cultura popular, e não a lei, foi o principal fator dessa mudança.

Por quase trinta anos, o Julgamento do Macaco de Scopes foi esquecido pela cultura americana dominante. Entanto, uma versão fictícia do Julgamento do Macaco de Scopes apareceu na forma de uma peça, *O Vento Será Tua Herança*. Nessa peça e em um filme de 1960, o promotor é retratado como um fundamentalista cristão fúriso, de mente estreita e desinformado, e a defesa como agnóstica gentil, de mente ampla e inteligente.

É um grande eufemismo dizer que *O Vento Será Tua Herança* não é uma representação honesta da história. No entanto, as pessoas assistem a histórias dramáticas com mais entusiasmo do que leem a história real. A popularidade da peça e do filme ampliou a percepção da lacuna entre a ciência e a Bíblia e garantiu que toda uma geração de americanos tivesse uma visão equivocada dos fatos que envolveram o caso. Isso é parcialmente responsável pelo fato de o Julgamento “Macaco” de Scopes ser o exemplo favorito, usado por céticos e pessimistas, de atraso religioso.

AO PÉ DA FOGUEIRA



TÔ PULANDO...

Vendera uma partida de gado. A contragosto, na pressão. No desconcerto, no sem jeito, após muita pressão do comprador. Aliás, não tinha a menor ideia de como o cidadão ficara sabendo que as reses estavam à venda. A bem da verdade, dada a sua chatice, gostaria era dar-lhe uma descompostura. Mas, por educação, por recato... Ah, o comprador! Conhecia-o de há muito, cativeiro ali da cidade, com seus negócios de mascaloteador de feira, negocista de porta em porta... E sua fama de inzoneiro, enrolado, dissimulado - daqueles de dar nó em pingão d'água - corria longe.

Pedira-lhe um cheque, ainda que de terceiros. Necá. O homem, ruim de sela e de trela, tivera todas as suas contas encerradas pelas agências bancárias da cidade e redondezas. Quiçá, a centenas de quilômetros. Um desacreditado, em termos comerciais, com nome na Serasa, SPC, protestos judiciais. Ficha comprida de dar volta no quarteirão! A muito custo, deixara uma promissória corroborando o negócio.

Entregara as reses, enfim, para ficar livre de tanta insistência, retinência. E o golpe de sempre: prazo e... bem esticado. Vendedor até concordara com 30, mas o comprador impertinente insistira nos 60, 90 dias - Mau sinal, pensou o vendedor, assentindo, cedendo, enfim, uma vez mais. - Vá lá, então: 45 dias!

Os quarenta e cinco se transformaram em sessenta, noventa, uma centena e mais, aproximando-se breve de meio ano. O devedor, sumido do mapa, quando aparecia, ou melhor acaso visto, abordado ou provocado através de algum recado, sempre tinha uma única resposta: - Me aguarde. Tô pulando... Ou ainda: - Tô correndo de sol a sol. Qualquer hora faço o acerto...

Contrapunha, em vão, o vendedor: - Pare de pular e de correr, meu amigo. Me paga!...

Tentara receber em gado, seja o próprio que vendera ou quaisquer outras reses, mas o comprador afirmara não ter gado, no momento, para devolução. Propusera receber o capital, sem nenhum juro ou mora adicional. Nenhum interesse ou disposição por parte do comprador-devedor. Dera, então, por praticamente perdida a venda. Fintando, era o termo certo. Entregue às almas. Certa feita, eis que se encontram, de chofre, na periferia da cidade, ambos a cavalo. Um forte temporal ameaçando desabar a qualquer instante. Relâmpagos fasscantes, trovões assustadores. Devedor não teve como escapar. Sorriso amarelo, verde, explica-se uma vez mais, com relação ao acerto entre ambos, utilizando-se do velho refrão: - Conforme te falei, tô pulando... tô correndo pra levantar o dinheiro...

- Pula mais, não, meu amigo. Aliás, pelo que deduzo, são seus esportes favoritos: pular, correr de dívidas, não pagar!

Nisso, um raio ensurdecedor fez com os dois desatassem a conversa, dessem com o pé na tábua ou melhor dessem rédea solta aos cavalos rumo a algum abrigo.

- Parado é como você está desde que me comprou o gado. Essa conversa de "tô pulando", "tô correndo" é pura balela, conversa de enrolado... Sugiro-lhe então voar, extravasa o credor, apontando o céu, envolto por gigantesca borrasca que começava já a cair, o troante bárulho de raios, relâmpagos e trovões a se projetarem sobre a terra -

Aliás, já entreguei o caso para as almas... e, ao que parece, das mais barulhentas e bravas. Você que se vire com elas... E, rapidamente, deu rédea ao animal.

(E não é que, à noite, tempestade ainda ensurdecadora, o devedor, após seis meses, bateu à porta do credor, levando em dinheiro vivo, apurado, o acerto do gado ?!).

NOTA - Verbo "pular" usado popularmente no sentido de "agilizar", "movimentar negócios", de forma a auferir ou aumentar bens, fortunas, postos de trabalho ou hierárquicos. Outros sentidos:

"pular cerca" - praticar adultério; traição conjugal.

"pular" ou "saltar porteiras" - mal estar intestinal; estar acometido de diarreia ou piriri (Piriri é palavra indígena que significa "correnteza veloz em trechos de declive de rios").

Verbo "correr" - sentido de "persistir", "prosseguir", "decorrer", "buscar" Expressões com o termo "correr":

"correr a cuia" - campanha entre conhecidos a fim de arrecadar dinheiro para socorrer ou premiar alguém; fazer uma vaquinha.

"correr com a sela" - abandonar o jogo, após ter ganho, não se arriscando mais (NE).

"correr cutia" - desistir de um negócio já firmado; faltar à palavra dada; roer corda. É nome de uma brincadeira ou parlenda, também denominada "Pega lenço, lenço atrás".

"correr pelo mato ralo" - fugir de uma situação agradável, prazerosa; fracassar sexualmente; brochar (chulo).

"correr o mundo" - viajar assiduamente.

"bilhete corrido" - refere-se a bilhete de loteria cujo sorteio já transcorreu e não foi sorteado; algo sem valor ou obsoleto.

"folha corrida" (alvará de folha corrida e/ou certidão criminal de 2º grau) - trata-se de atestado de antecedentes criminais, emitido pelas autoridades policiais, comprovando a ausência de registros criminais em nome de determinado indivíduo; histórico de alguém ou de algo, discriminando acontecimentos que marca(ra)m o passado e influenciam a vida presente.

Curiosidade: na linguagem penal e popular, encontramos a expressão "puxar a capivara", que significa "puxar a folha corrida", consultar a ficha de antecedentes criminais de alguém. Diz-se que a origem da expressão é uma referência à pele da capivara, que é áspera e espessa ao tato; para outros, a expressão refere-se a uma planta trepadeira comum no Nordeste, de cheiro desagradável, dando a ideia de que, via de regra, a ficha criminal sempre mostra o lado pior, "malcheiroso" da pessoa.

"Ver-se-á primeiro as naus mais excelentes correr nas salsas ondas à porfia" - famoso trecho de Virgílio ("Eneida" Port. L.5, estrofe 15).

"correr ceca e meca e olivais de Santarém" (locução portuguesa) - viajar por várias terras e lugares; andar daqui para ali em busca de alguma coisa; procurar por todos os lados e lugares.

"Botar a corrida fora" - perder uma corrida de animais por imperícia; perder uma grande oportunidade por inabilidade.

"Se correr o bicho pega, se ficar o bicho come" (ditado popular).

Realização:



Apoio:

